PARA TODOS...

ANNO XII — NUM. 603 RIO DE JANEIRO, 5 DE JULHO DE 1930 PREÇO: 1$000

Compra Pelles Directamente

Se a Senhora perguntar a cinco das suas amigas onde compraram suas pelles, vae-se admirar, porque, quasi sempre, de tres obterá a resposta: "na Pelleteria Canadá".

RAZÕES ? — Extrema attenção aos freguezes, honestidade nos preços e qualidades dos artigos.

SORTIMENTO — Enorme variedade de pelles em todas as qualidades, das mais simples ás mais finas. Em renards — argentés, croisés, bleus, Candá-rouge, mongoliens; Isabellas; cafe-bleu, gris, etc. MARTRES — só francezas. GUARNIÇÕES — Astrakan cinza, marron e preto, arminho e toda a gamma de ejares e rases. Em feitios — legitimas cópias das melhores casas parisienses.

PREÇOS — Importando directamente em grande escala dos paizes de origem, ou adquirindo as pelles nos grandes leilões na Europa, temos a possibilidade de offerecer o nosso sortimento a preços excepcionaes e garantimos que elles nunca são maiores que os dá Europa.

Pergunte a quem já comprou.

A famosa estrella cinematographica com adorno de martres.

PELLETERIA CANADÁ

Uruguayana 21 - TEL. 2-4827 - RIO

Entrou. Luiza levantou um pouco a cabeça para fital-o, com uma complacencia profunda nos seus olhos serenos.

Dona Soledade suspendeu o manejo da longa agulha com que fazia um trabalho de "crochet". Estendeu-lhe a mão.

— Bem; e você, Ernesto ?

Elle sentou-se numa cadeirinha baixa, perto da moça. Olharam-se, sorridentes. Houve depois um instante de embaraço que elle consagrou em tirar escrupulosamente as luvas que, ao fazer a visita diaria, nunca faltavam em suas mãos um pouco disformes. Parecia-lhe disfarçar assim a sua vulgaridade. Muitas vezes, antes de tocar a campainha, parava em frente da porta, para reparar o esquecimento de calçar as luvas.

Nesse momento as dobrou e as guardou em silencio. Sua noiva tornou a baixar a cabeça sobre o trabalho, e pronunciou a primeira phrase da conversa, em um tom que o carinho tornava confidencial e secreto:

— Que ha ?

— Nada.

Nada. Nunca acontecia nada de transcendental; o escriptorio, o passeio e a espera impaciente de que chegasse a hora de ver Luiza.

Nos domingos, alterava-se um pouco a monotonia da sua placida vida. Elle caminhava, ao lado de sua noiva, tão bonita com o chapéo tres vezes reformado, com o vestidinho unico de passeio, que ella sabia fazer remoçar, com algum ardil.

Elle, então, era feliz por mil causas; ás vezes, por surprehender em alguem a admiração que a belleza de Luiza causara; ás vezes, o chefe da firma onde trabalhava, ao passar por elles, dignava-se a tirar o chapéo; tudo isso lhe parecia elevar aos olhos da noiva.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

O ANNEL

Andavam e andavam e ao voltarem, Luiza tinha um colorido sadio no rosto, e dona Soledade se deixava cahir, extenuada, no "divan", cujas molas rangiam; e elle sahia, com uma grande alegria n'alma, que se traduzia até na maneira agil de manejar a bengala.

———

Cahia sobre elles a luz do lampeão de kerozene, pendurado á parede. O amor não alterava a solemne quietude; seus murmurios pareciam rezas. A's vezes, ouvia-se o barulho da traça roendo a mesa de pinho... Dona Soledade guardava o seu constante gesto de preoccupação, emquanto agitava o trabalho entre as mãos ossudas e ia movendo os labios, porque contava em silencio os pontos do "crochet".

Ernesto falava:

— Sabes ? "Don" Manuel me escreveu.

— Sim ?

— Sim; mas é preciso esperar. Até Junho... meio anno mais ! Em Junho, serei augmentado.

Ella o olhou, jubilosa.

Sorriu. Calaram um segundo e a voz della, alentadora e terna, insinuou:

— Esperaremos. Nós nos amamos bastante para esperar, não é ?

Elle segurou-lhe a mão, em signal de gratidão. Além de adorar a carinha morena, os olhos negros e o corpo gracioso, adorava em Luiza certa superioridade de espirito, certa intuição de elegancia que existia nella, acaso como resaibo de longinquas éras de prosperidade. Ernesto recebia o seu amor, com humilde reconhecimento, com submissão de inferior, que ás vezes o cohibia repentinamente deante da noiva. De subito, curvando-se sobre ella, exclamou, admirado:

— E o annel ? Não trazes o annel ?

A rapariga corou, como si todo o sangue lhe affluisse ás faces suaves. Disse balbuciando:

— Não... Hoje não... Guardei-o...

E houve tal perturbação em seu rosto, tal tremor em sua voz, que Ernesto a fitou, surprehendido. Ella retirou a mão, escondendo-a debaixo do bordado.

Fôra um presente de Ernesto o annel de ouro. Mezes antes, no anniversario do seu noivado, elle lh'o levára,

---

GRAPHOLOGIA

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis. Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

———

FLOR DE MAIO (São Paulo) — Sua letra revela curiosidade, impaciencia, nervosismo. Ha um pouco de senso artistico, inconstancia, fantasia, pouco amor á verdade, espirito maleavel, accomodaticio...

ESPHINGE BRANCA (Minas) — Sua graphia quasi calligraphica é signal de espirito rotineiro, mediocre. Tem os sentidos um tanto exaltado... Toma, ás vezes resoluções subitas e é teimosa. Ordeira, trabalhadora, dedicada. Apesar dos horoscopos nada terem de commum com a graphologia, aqui vae o que pede: Os nascidos a 12 de Fevereiro são: dotados de grande capacidade de trabalho, alegres, communicativos amigos carinhosos, porém, terriveis inimigos. Serão felizes no matrimonio e terão muitos filhos".

LYS (Nictheroy) — Está desculpada. Creia que nem me lembrava mais da pequenina falta. Ficou satisfeita com o estudo, não é ? Isso é o que interessa. Escreva.

NEMO (Victoria) — No tempo a que se refere não era eu quem fazia os estudos graphologicos, e sim meu saudoso antecessor e mestre. Vejo na sua letra actividade, espirito de iniciativa, bastante vaidade, amor proprio, "convencimento" de que se conhece, quando isso é muito difficil... Tem momentos de hesitação e resoluções promptas, sendo, assim, um temperamento contradictorio. Intelligente, arguto, critico e com personalidade bem definida.

GAND (Rio) — Muito interessante sua cartinha. Tem se dado bem com os conselhos do velho graphologo ? Antes assim. "Elle está agora mais submisso ?" E' o que desejo. Quanto ao meu retrato, é exactamente aquelle que fez: as barbas e os cabellos brancos e os olhos meigos atravez de uns oculos de grandes aros de tartaruga. Foi sómente o que faltou: o par de oculos. Escreva, Gand.

FIORITA (São Paulo) — O "proximo numero" do "Para todos..." a que se refere está sempre prompto quando recebemos as cartas dos nossos amaveis consulentes. Sua letra movimentada revela intelligencia, actividade, cultura. E' caprichosa, altiva, sem deixar de ser generosa para com os vencidos... No momento de escrever estava sob uma impressão qualquer de desgosto ou desalento, neurasthenia, depressão nervosa. Vaidosa, como todas as filhas de Eva e de espirito muito curioso e perscrutador. A's perguntas que me faz, respondo:

1ª — Depende de algum estudo, muita observação e pratica que sómente o tempo dará.

2ª — Os horoscopos fazem parte da astrologia, sciencia (?) empirica e antiquissima.

3ª — Como pede, direi que o horoscopo das pessoas nascidas a 31 de Agosto é o seguinte: "São habilidosas, porém, não gostam de trabalhar, só o fazendo quando são a isso obrigadas. Têm grande poder de attracção e sympathia pessoal, despertando rapidos e vehementes affectos. Ficarão velhinhas e devem preferir para casar as pessoas nascidas em Setembro ou Dezembro. Casarão duas vezes, sendo mais felizes no segundo do que no primeiro matrimonio.

WILMAR (Mirahy) — Inconstancia, dissimulação, vaidade, uma innocente mania de mostrar erudição. Apesar

num estojinho elegante. As iniciaes de Luiza estavam gravadas sobre o metal, com uns diamantinhos minusculos. Era o fructo de uma difficil e prolongada economia delle, e tambem a unica joia de Luiza; ao recebel-a, ella reprimira a sua alegria, para dizer:

— Mas isto é demais, Ernesto; é um sacrificio teu, que eu não sei...

E elle, vermelho de alegria, a interrompera:

— Oh, não o creias; desejar'a offerecer-te muito mais!

E a scena vulgar terminou com um beijo.

Ernesto tornou a perguntar, um pouco sério:

— Onde está o annel?

— Guardei-o.

Havia algo de supplica e de angustia na voz da moça, uma angustia subtil. O noivo sent'u uma estranha inquietude receiosa. Exigiu duramente:

— Mostra-m'o.

— Para que?

— Mostra-m'o!

Luiza se curvou sobre o bordado, sem responder. Dona Soledade parou com o "crochet". Ernesto insistiu, tomado de máo presentimento:

— Por que o guardaste?

Ella não levantou o rosto; respondeu em voz muito baixa:

— Cahiram as pedrinhas... Mandei-o a um joalheiro.

— Não é verdade; tu não tens o annel... Confessa-o.

Estava pallido; desconfiava de não sei que mal para o seu amor. Luiza, definitivamente vencida, calou-se. Elle esperou um momento, depois levantou-se, offendido por esse silencio.

— Está bem — disse — vou-me embora.

Machinalmente, tirou as luvas. Luiza não se moveu. Approximou-se de novo, bruscamente, num arrebatamento de despeito, para dizer-lhe:

— Não voltarei até que confesses.

E deu um passo. Dona Soledade levantou o busto; sua voz cansada se ergueu na salinha:

— Espere um pouco, Ernesto.

Elle parou, estupefacto; dona Soledade começou a dizer lentamente:

— Luiza não tem o annel... Ouvi vocês falarem. Mas não quero que a culpe... Nós, você sabe... A pensão é pequenissima. Você não sabe como nós trabalhamos, como nós cosemos... Luiza não quiz que você soubesse. São orgulhos de menina que conheceu outra vida mais commoda... Desculpe-a, Ernesto. Ante-hontem, não tivemos dinheiro. Foi um máo dia... e então, Luiza não quiz que eu deixasse de comer nesse dia. Eu não o sabia. Reprehendi-a... O annel...

Dona Soledade baixou os olhos, que tinham um circulo avermelhado, a sua voz tremeu um pouco mais:

— O annel... está empenhado, Ernesto.

Luiza se ajoelhou deante da mãe; rebentaram os soluços na quietude do aposento; todo o seu corpo tremia, nervoso.

Dona Soledade collocou as mãos frias na pobre cabeça afflicta, com um gesto de consolo e de amparo. Ainda accrescentou:

— Mas o annel voltará. Desculpe-nos... Segunda-feira, cobrarei a pensão, e o primeiro dinheiro irá para o resgate do annel... Embora nos apertemos um pouco. Segunda-feira sem falta...

Beijou a filha. Ernesto sentiu um frio subtil correr-lhe por todo o corpo, como uma dôr profunda; sentiu crescer uma enorme piedade em sua alma, notou que lhe subiam as lagrimas aos olhos.

Avançou um pouco, em uma santa emoção que lhe afogava a voz, teve um desejo vehemente de se ajoelhar elle tambem, de chorar no regaço da anciã, com uma pena muito grande, muito grande, e sentir sobre a sua cabeça a frieza da mão consoladora, e chamal-a, com a voz de toda a sua piedade e a sua angustia:

— Minha mãe! Minha pobre e querida mãe!

(Traduzido por ANELÊH)

Vencesláu Fernández Flórez

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho - Rio". Telephones: Gerencia: 3-0635. Escriptorio: 3-0634. Directoria: 3-0636. Officinas: 8-6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

---

disso é bondoso, delicado, amavel, com algum senso artistico e amor ao estudo. O traço com que sublinha sua assignatura mostra algum espirito de vingança e certa aggressividade.

ROSEMARY (Petropolis) — Imaginação viva, creadora, altas aspirações, generosidade, orgulho; sem excluir um pouco de bondade natural. Energia, firmeza de opiniões, força de vontade, espirito de iniciativa, alegria de viver, esperança, ambição, discreta elegancia e nobreza de attitudes. Um tanto senhora de si e independente não gosta de dar satisfação dos seus actos e muito menos se arrepende do que fez, ou melhor: se mostra arrependida...

MARCO AURELIO (Porto Alegre) — Curiosidade, espirito observador, porém, falho de dedução e de cultura. Um pouco dissimulado, timido, caprichoso, indeciso. Estava, no momento de escrever, sob uma impressão qualquer de desgosto, uma preoccupação de espirito, fadiga, desalento, etc. Caracter ainda em formação.

ARIOSTO (Porto Alegre) — Notei na sua letra decidido amor ás artes, principalmente o desenho e a pintura. Um pouco de ingenuidade, boa fé, infantilidade, mesmo. Diminuto cultivo intellectual.

Quanto ao autographo que enviou de Antinéa (apenas uma linha com meia duzia de palavras) é muito pouca cousa para se fazer um estudo, mesmo ligeiro. Nota-se, entretanto, teimosia, capricho, força de vontade, alguma fantasia e, por isso, pouco amor á verdade. O arabesco com que termina sua assignatura confirma isso e mais que é uma creatura orgulhosa, displiscente, egoista, dando pouca importancia ao juizo que possam fazer de sua pessoa.

SONIA (Juiz de Fóra) — Temperamento inquieto de uma grande amorosa que é. Melancolica, pensativa, quasi mystica, o que póde ser levado á conta de um vehemente affecto que no momento a faz vibrar. Não é mais preciso dizer que é cheia de bondade, de doçura, meiguice, benevolencia, isso não impede que seja, ás vezes, energica e voluntariosa como o indica o final de certas palavras.

Quanto á minha idade, veja o retrato que de mim proprio faço um pouco antes, confirmando as supposições de Gand. Escreva, Sonia; ao menos se distrahirá um pouco na solidão em que vive ahi na fazenda. Escreva, que terei muito prazer em receber e responder suas cartinhas.

ISOTTA (?) — Tres linhas apenas é material muito escasso para um estudo graphologico, mesmo superficial.

Nota-se franqueza, lealdade, concisão, alguma reserva; prudencia, ordem e no traço original com que termina seu nome de familia, vê-se espirito critico e mordaz.

MARILU' (Rio) — Já tive a satisfação de responder sua consulta, não podendo precisar o numero de "Para todos..." e não d'"O Malho", em que foi publicada a resposta.

O horoscopo que pede das pessoas nascidas a 1º de Julho, é este: "Gostam da fama e do dinheiro, assim como de se apresentar bem. São intelligentes e de muita habilidade para dirigir grandes empresas. De coração magnanimos serão optimos chefes de familia. Seu unico defeito é criticar faltas dos outros e se zangarem quando alguem critica, ou apenas aponta seus defeitos.

Quanto aos nascidos em Fevereiro tenha a bondade de ler o que digo antes á Esphinge Branca.

MELISSINDE (Rio) — Pouca mudança encontrei na sua graphia. Apenas um tanto mais de vivacidade, de alegria de viver, de despreoccupação.

Muito interessante o retratinho que mandou com aquelle collar de perolas illuminando o sorriso. Bem razão tem "l'oiseau bleu" em ser zeloso de taes joias... Já regressou novamente á gaiola dourada? Seria o melhor remedio para as suas insomnias.

GRAPHOLOGO

Clinica Medica de "Para todos..."

PEMPHIGO

Caracteriza-se, pelo apparecimento de pequenas bolhas, em varias regiões superficiaes do corpo.

Taes bolhas que, na grande maioria dos casos, são precedidas de febre, vão, depois de algum tempo, se rompendo e deixando correr o liquido encerrado, — o que origina a formação de innumeras escoriações e crostas, bastante incommodas, para os enfermos.

Ordinariamente o pemphigo tem a duração de oito a dez dias; mas, algumas vezes, passa ao estado chronico e as bolhas desapparecem, para reapparecer, logo após, ficando renitentes, durante longo tempo.

Como vestigios do pemphigo restam algumas manchas disseminadas pela epiderme, as quaes se dissipam de fórma bastante lenta.

O tratamento do pemphigo consiste em ministrar um laxativo e proceder á abertura das bolhas, por meio de alfinete esterilizado, polvilhando-as, depois, com oxydo de zinco ou talco boricado.

Si as bolhas apparecem inflammadas, applica-se o linimento oleo-calcareo, cobrindo as regiões attingidas, com finas pastas de algodão.

Quando as bolhas vão ficando violaceas ou sanguinolentas, é necessario laval-as com agua oxygenada e, depois de enxugal-as, applicar o aristol.

O arsenico e a quina são os medicamentos internos empregados com vantagem.

CONSULTORIO

S. DE ABREU (Rio) — Deve continuar com as injecções mencionadas em sua ultima carta, visto como produziram visiveis melhoras. Si ainda fôr necessario, use tambem a agua mineral e o elixir eupeptico, já indicados. Quando terminar as injecções, escreva, communicando o resultado, quanto ao estado geral do organismo e quanto ás modificações obtidas, em relação ao estado local.

REJANE (São Paulo) — Use, pela manhã e á noite, um comprimido ovarico. Depois de cada refeição principal, tome 12 gottas de "Prosthenase Galbrum", num calice dagua assucarada. Durante os cinco ou seis dias que precedem á época esperada, em logar dos comprimidos acima referidos, use, pela manhã e á noite, uma capsula de "Apioseline Oudin". Si apesar do tratamento os phenomenos dolorosos se manifestarem, use, no momento preciso: analgesina 1 gramma, tintura etherea de valeriana 2 grammas, bromureto de sodio 2 grammas, tintura de artemisia 3 grammas, extracto fluido viburnum prunifolium 4 grammas, xarope de canella 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro, — uma colher (das de sopa) de tres em tres horas. Quanto ao incommodo que a atormenta, desde a idade de quinze annos, a medicação não póde ser prescripta sem que declare o seu estado civil. Responda, com a declaração e alludindo á mencionada doença.

LUCRECIA BORGIA (Rio) — Internamente use: cacodylato de sodio 2 grammas, hydrolato de louro cereja 20 grammas, — num vidro conta-gottas, para tomar doze gottas, num calice dagua, depois do almoço e do jantar. Externamente lave, pela manhã, a região alludida, com o licor de Van Suwsten, enxugue-a, applique, depois o unguento napolitano, deixe o remedio actuar durante o dia inteiro, e, á noite, no momento de se recolher ao leito, retire-o, lavando, em seguida, a região, com agua morna e sabonete de ichthyol e sublimado. Como a sua homonyma que era muito cautelosa, no manejo dos venenos, tenha bastante cuidado, com os medicamentos acima prescriptos, para uso externo.

MME. L. L. (Quintino Bocayuva) — Adopte um regimen alimentar, com exclusão absoluta de carnes, substancias excitantes, productos de salchicharia, café, chocolate e bebidas alcoolicas. No meio de cada refeição principal, tome 15 gottas de "Iodalose" num calice dagua assucarada. Pela manhã e á noite, use: solução alcoolica de trinitrina 30 gottas, hydrolato de canella 300 grammas, — uma colher (das de sopa). Tenha sempre á mão algumas "ampolas de nitrito de amyla". Presentindo as perturbações alludidas em sua carta, immediatamente quebre as extremidades de uma das ampolas, deixe o liquido cahir no envolucro de papel de seda e aspire-o continuamente, levando o envolucro até muito perto do nariz.

F. A. S. (Vargem Alegre) — Use: tintura de scilla 1 gramma, tintura de colchico 2 grammas, benzoato de lithina 3 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 10 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de uva ursina 300 grammas, — um pequeno calice de 3 em 3 horas. Friccione os pontos doloridos, com o "Balsamo de Bengué".

DR. DURVAL DE BRITO

Mobiliario completo para dormitorios, salas de visitas e de jantar bem como o maior sortimento em

Moveis de Escriptorio
A. F. COSTA

Visite a nossa exposição á Rua dos Andradas n.° 27

Poucas são as sobremesas que, como esta, mereçam a approvação de todos

Eis uma receita maravilhosa, de preparo facil e de sabor incomparavel. Para experimental-a basta que V. S. tenha:

3 colheres de Maizena Duryea
½ taça de assucar pulverizado
1¼ litros de leite
5 ovos

Separam-se as 5 gemas que se batem com 6 colheres de assucar. Addicione-se a Maizena Duryea dissolvida num pouco de leite frio. Junte-se o resto do leite e deixe-se a ferver por cinco minutos em banho-maria.

Unte-se uma fôrma com caramelo na qual se deita a mistura, e leve-se a forno moderado por meia hora. Retire-se em seguida do forno, deixe esfriar e cubra com merengue, preparado á parte com as cinco claras. Torne a collocar no forno até conseguir uma côr dourada.

A receita que descreve e illustra em côres este optimo "Pudim Surpresa" faz parte do livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que enviamos gratuitamente a quem nol-o pedir. Mande-nos hoje mesmo o seu nome e endereço e pela volta do correio receberá um exemplar deste precioso livrinho.

Os premios d'O Tico-Tico

"O Tico-Tico", a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos seus leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 volumes cada uma das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-Rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo.

"Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac.

Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'"O Tico-Tico", demonstrando desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

EM PORTUGAL
A poetisa portugueza D. Maria Leonor Reis, filha do grande pintor Carlos Reis.

Para todos . . . em Santos -- São Paulo

Senhoras que compõem a colonia italiana de Santos presentes á fundação da secção feminina "Principessa di Piemonte", da Sociedade Italiana de Beneficenza, para auxilio a escolas e ambulatorio medico.

Um sucesso na rua do Ouvidor

A vitrine da Casa Pratt, á rua do Ouvidor ns. 123 e 125, tem attrahido a attenção geral do povo, que ali estaciona admirando os valiosos premios, em exposição, que "O Tico-Tico" distribue nos seus grandes concursos de São João e de Natal.

No Grajahú Tennis Club

AS TINTAS PARA CABELLOS E ALGUNS CONSELHOS POR

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais ve'ha a pessoa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e tr'ste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar n'sso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de ting'r os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca ting'rem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, ma's hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado 1 2 hora, para acajou escuro uma hora e me'a.

As pessoas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12..

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudado para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beauté.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro.

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

Estas marcas significam a maior garantia da fixidez das côres

nos tecidos de algodão, linho, seda e seda vegetal!

Indanthren

Exija sempre tecidos com estas marcas

A TESTEMUNHA

Conto por Iracema Guimarães Villela

Illustração de J. Carlos

NA immensa sala do hospital, a irmã Rosa de Lima, de physionomia macerada e riscada por vincos profundos, acompanhou o medico que fôra visitar os doentes confiados á sua guarda. No seu passo leve — deslizar de sombra ou resvalar de fantasma — dirigiu-se á enfermaria para dar ordens, mas esbarrou logo á entrada com o padre Luiz, seu companheiro de quinze annos, naquelle hospital, que acabara de abençoar um velho fallecido momentos antes. Rosa ajoelhou-se e numa piedosa oração supplicou a Deus para receber no seu reino de luz, aquelle infeliz cuja existencia se resumira na palavra soffrer. que fôra ella senão uma sequencia formidavel de padecimentos qual delles o mais profundo e indescriptivel? Para ali fôra buscar allivio, e o seu corpo corroido de chagas, desmoronara-se aos pedaços, emquanto um cheiro nauseabundo afuguentava os que delle se approximavam. Ajoelhada ainda, Rosa murmurava Ave-Marias no seu comprido rosario de madeira, cravando os olhos compadecidos no esqualido cadaver estendido no leito. Depois, erguendo-se, sentou-se ao lado do padre.

— Acabou-se! Terminou o martyrio deste desgraçado — observou este.

— E' verdade. A vida é bem fragil e não merece que lhe sacrifiquemos o nosso socego.

Rosa ciciou um sussurro aprovador. Olharam-se durante alguns segundos como se de subito recordações magoadas do passado de ambos lhes affluissem á memoria.

— Permaneceram um instante silenciosos.

— Ha pensamentos tão pungentes que chegam a atormentar-nos physicamente como se nos comprimissem em circulos de fogo. Quando passo em revista a minha mocidade — volveu ella.

— E eu a minha...

— Como não haveramos de suspirar por essa libertadora que se chama morte? Libertadora dos nossos males e agonias?

Rosa enxugou-o rosto humido ao avental preto, e circumvagando o olhar pelo morto como se sentisse por elle uma invencivel attracção:

— Nós, os entes humanos, encaramos a morte como uma inimiga feroz no emtanto ella é tão suave, tão doce, acolhe-nos com um carinho tão consolador...

O padre voltou a falar meneando a calva pensativa:

— Eu ordenei-me porque desde os tempos de escola comprehendi que o mundo era traiçoeiro e mesquinho, e o meu temperamento não estava preparado para a luta e as desillusões.

— Mas — esboçou ella — a sua vocação manifestou-se cedo assim?

O padre Luiz encostou a cabeça ao braço tremulo:

— A resolução de me ordenar oscillava timidamente no meu espirito, embora nutrisse a confortadora e falsa esperança que minha mãe, que eu amava com exaltação, se oppuzesse a ella. — vergou os hombros tristes — infelizmente assim não aconteceu. Minha mãe era mundana e frivola, a presença constante de um filho e visionario deveria estorvar-lhe o seu modo de agir. Como está distante esse tempo e como o enxergo sem odios nem rancores, sentindo o meu pobre coração alliviado. Minha mãe tinha o culto de sua belleza e não havia considerações nem sentimentalismos que lhe fizessem esmorecer. Pobre peccadora!

Todo o meu goso era contemplar as maravilhas de nossa ardente natureza, inebriando-me com a majestade mysteriosa do mar, do céu, da terra, e emquanto ella ondulava pelos salões, fazendo scintillar as graças da sua carne, eu refugiava-me no campo; extatico, absorto, esquecido do mundo, para contemplar os passaros nos arvoredos e as aguas pulando pelas rochas. As paisagens singellas commoviam-me davam-me um prazer inexprimivel atravez do qual divisava o espirito sublime do Deus que me criara. Nunca estremeci de amor á approximação de uma mulher, nem me sobresaltei com a visão perturbadosa da forma feminina. Tudo em mim estava impregnado do mais puro mysticismo religioso. Uma vez minha mãe perguntou-me como eu passava os dias.

— A meditar na natureza — respondi.

— "Que encantos pode você encontrar nessa natureza que nada exprime nem revela? — tomou ella ironica.

— Nada revela? — redargui. — Ella está cheia de poesia, suggere-nos pensamentos philosophicos e idealistas...

— "Este menino é poeta — decretou uma amiga que se approximava.

Minha mãe acudiu desdenhosa:

—"Poeta é synonimo de vagabundo e de incapaz".

Estas e outras observações incutiam-me na alma uma amargura sem nome, e um desprendimento pelos homens ia-se infiltrando aos poucos dentro de mim, levando-me a aspirar a um ideal mais nobre.

A irmã Rosa murmurou num fio de voz triste:

— Bem desconsolador é sermos incomprehendidos por aquelles a quem amamos.

O padre accrescentou sem lhe responder:

— Embrenhei-me com fervor na idéa do sacerdocio. Elle seria um abrigo para minha alma desolada e me daria a doçura e o conforto que a familia me recusava. Decidido a ordenar-me, procurei minha mãe para lhe communicar as exigencias imperiosas da minha vocação. Ella escutou-

(Termina no fim do numero).

A Menina

Adrian Véxy

ERA um bello drama o **Supplicio da Fome**, de Bonifacio Lêtuy. Pelo menos, assim pensava aquelle autor dramatico.

E, sem muita difficuldade, conseguiu que Pitache, director do Theatro Novo, partilhasse dessa opinião.

O que seduziu particularmente Pitache foi o quinto acto. Via-se uma familia reduzida ás extremas privações.

De vez em quando o movimento das scenas era interrompido pela queixa uniforme de um menino de seis annos:

— Mamãe, estou com fome.

Havia nisso um effeito de repetição que, tanto para o director como para o autor, devia produzir uma impressão surprehendente.

— "Não é propriamente u m a novidade a sua historia do garoto, — dissera Pitache a Bonifacio Lêtuy. — Tem-se se arrastado por toda parte; mas agrada sempre ao publico.

Tratava-se de encontrar um menino que desempenhasse bem o papel do pequeno faminto.

Firmino, o ensaiador, consultado a respeito, respondeu que conhecia uma menina que representaria admiravelmente.

E' preciso notar que, no theatro, nove vezes em dez, escolhem meninas para papeis de meninos. São tradições tão respeitaveis quanto faceis de explicar.

Firmino accrescentara que a menina em questão era um verdadeiro phenomeno.

— Pois bem, disse-lhe Pitache, para que possamos ensaiar o quinto acto a m a n h ã, traga o seu phenomeno.

A pequena Angela era realmente um phenomeno. Tinha uma maneira pathetica, artificial e profundamente irritante de dizer: "Mamãe, estou com fome", que provocou exclamações admirativas da parte de todos os interpretes do drama. Muitas artistas não puderam deixar de chorar.

Mas a emoção foi interrompida pela voz de Pitache que estava assentado numa das primeiras filas: — Esta menina tem uma apparencia esplendida!...

A mãe de Angela surgiu dos bastidores e, com um sorriso de orgulho maternal lisonjeado, se achou na obrigação de fazer uma reverencia.

— Ah! é sua filha? — interrogou Pitache. Meus cumprimentos, a senhora a alimenta bem... Porém, comprehende, não tem absolutamente o ar de um menino esfaimado.

Um grande silencio acolheu e s t a declaração de uma logica incontestavel.

A mãe, cujo sorriso se congelára, voltou para os bastidores.

Pitache continuou:

— Nunca o publico teria a impressão de um menino que ha dias não come, vendo este rosto rosado e estas fórmas a r r e d o n d a d a s. Nunca, c o m p r e h e n d e, nunca !

Firmino a c h o u que devia intervir : — Talvez, caracte- r i z a n d o - a bem . . .

— Caracterizando-a! Caracterizando-a!... Você é idiota!... Você conseguiria tirar-lhe as bochechas?... E' bochechuda, não ha para onde appellar... Tem a cara gorda como... Emfim... fariam troça de nós...

Bochechuda

Desenhos de Joseph Howard

— Está bem, vou procurar outra menina...

— Não digo isso!... Esta pequena tem muito talento... Basta modificar o texto...

E voltando-se para Bonifacio Létuy, que empallidecera de terror:

— Tenho uma idéa... Cada vez que o garoto disser que esta com fome, o pae dá-lhe duas bofetadas, dizendo-lhe que é para aprender a não ter fome com aquella cara... E' até um effeito novo...

— O senhor não acha que isso modifica a idéa?... balbuciou timidamente Bonifacio Létuy, já resignado com as peores concessões.

— Absolutamente!... Ao contrario, fica muito bem!... Verá... Em cinco minutos corrigimos isso...

Depois desse dia Pitache não voltou aos ensaios.

Elle tinha o habito de assistir ás primeiras para podar as peças.

E só apparecia no theatro dois ou tres dias antes do ensaio geral.

Achava, não sem razão, que era a melhor maneira de saber a impressão que uma obra póde produzir e as modificações indispensaveis que convém adoptar: quando se assiste a todos os ensaios, termina-se absorvido de tal sorte pelos detalhes que se torna impossivel ter sobre o conjunto uma apreciação judiciosa.

Pitache entrou de novo na sala no dia do ensaio geral do **"O Supplicio da Fome"** com as roupas e os scenarios.

Ouviu os quatro primeiros actos com uma attenção extrema e sem fazer a minima observação.

Conheciam-no bem. O silencio queria dizer que estava contente. Durante o quinto acto, agitou-se muitas vezes na poltrona.

De repente, levantou-se, interrompeu os actores: — Isto não póde ir assim... Esta pequena está pallida como a morte... Como querem que o pae a reprehenda de se queixar da fome?

— Mas... — disse Firmino, approximando-se, emquanto Bonifacio Létuy sorria satisfeito.

— Mas, o que? Mas, o que? Digo e repito: esta pequena está pallida como a morte...

E, como foi isso..

Ha qiunze dias, as bochechas della eram um verdadeiro par de maçãs. Naturalmente, vocês que a vêem diariamente, não perceberam nada... Mas eu estou surprehendido... Como foi isso?

A mãe de Angela sahiu dos bastidores, onde nunca deixou de se conservar durante os ensaios, fez a sua reverencia e falou: — Senhor director, é por causa das bofetadas.

— Por causa das bofetadas?

— Sim, senhor director... O senhor Benzeval, que faz o pae, bate com muita força!

— Ah! é verdade! — exclamou Firmino, com admiração... Elle sente muito os papeis!...

— E, — continuou a mãe, — a pequena retém o pranto, porque possue amor-proprio de artista... Mas, empallideceu e as faces encovaram...

— Isso é horrivel, declarou Pitache... Só vejo uma coisa a fazer: voltar á primitiva versão, supprimindo as bofetadas...

— Excellente! exclamou Bonifacio Létuy, encantado de ver o seu texto respeitado.

— Entretanto, — observou Firmino, — em 15 dias sem bofetadas, voltarão as bochecas...

— Você se afóga em gottas d'agua, meu amigo... De 15 em 15 dias modificamos o texto, eis tudo. Conforme estiverem as bochechas da pequena... Você verá... Será extraordinario!...

Infelizmente, a alternativa prevista não poude ser realizada. **O Supplicio da Fome** só foi representado tres vezes...

SICARD, SUA OBRA E SUA CLASSE

De Ribeiro Couto

Entre as discipulas attentas, o esculptor Sicard explica pacientemente as correcções a fazer no homem de argilla... tão de argilla como qualquer de nós... (Photo Keystone).

SICARD é um dos mestres da esculptura franceza de hoje. Sua inspiração não é atormentada como a de Rodin e de Bourdelle, renovadores da technica e da linha.

Sicard não se compraz no inacabado, no fluido, ou na brutalidade proposital dos volumes, da nova estatuaria. De todas as artes, a esculptura foi a que mais difficilmente se penetrou de um espirito moderno — se ainda é permittido empregar esta expressão, sujeita aos mais variados equivocos. Sicard é uma intelligencia tranquilla.

Na sua obra não passa o sopro de nenhuma angustia. De nenhuma tortura profissional. Parece que os seus bronzes e os seus marmores não custaram esforços.

Como que a sombra dos mestres do passado convive com o artista e lhe segreda ao ouvido a formula facil da perfeição.

Salão de Paris, de 1930. — "Diana a caçadora" e "Appollo", bronzes pertencentes á fonte monumental do esculptor Sicard, destinada a uma praça publica da cidade de Sydney, á memoria dos soldados australianos mortos na grande guerra.

(Clichés da "Illustration")

* * * A cidade de Sydney lembrou-se de Sicard. Encommendou-lhe a fonte monumental que, numa praça publica daquella grande metropole da Oceania, vae glorificar a memoria dos soldados australianos cahidos na ultima guerra.

Sicard sahiu assim da meia-penumbra em que decorre a sua vida modesta de professor para atirar-se a um trabalho de folego, digno da sua força.

O Salão de Paris, de 1930, exhibe á admiração distrahida do passante os grupos em bronze do monumento. E' a obra predominante da secção de esculptura, em que, aliás, Dardé, que alcançou a notoriedade com o "Fauno" em 1919, apresenta agora um notabilissimo homem das cavernas, perdido em contornos suggestivos, como que a emergir da sua tóca selvagem.

E' na obra de Sicard, entretanto, que o visitante se detém.

Sicard chega a reconciliar-nos com a mythologia. Seus grupos são de uma belleza possante. Não se sabe se o "Appollo", o "Theseu matando o minotauro" e "Diana a Caçadora", captivam pelo movimento das fórmas, pelo jogo das musculaturas ou pela graça quasi aerea dos perfis.

De tudo se desprende uma impressão repousante de imponderavel delicia.

A inspiração nitidamente grega, aponta a critica, está influenciada pelas escolas francezas do seculo XVII e do seculo XVIII.

O essencial é que os grupos de Sicard (notadamente o veado e os cães em torno de Diana) são obras primas de esculptura, realizam plenamente a funcção substancial da arte, que é encher a alma humana do desinteressado prazer da emoção lyrica.

No Museu do Luxemburgo, de Paris, Sicard tem, ha alguns annos, um "Edipo e a Esphinge" de uma notavel expressão.

Ao lado da esculptura moderna, franceza, que se inspira dos nomes de Bartholomé, Fremiet, Rodin, Bourdelle e outros, ha um grupo que mantém a tradicção classica e cujos mestres foram, fazendo a ligação com o passado, Guillaume, Barrias, Delaplanche e alguns mais.

Sicard pertence a este grupo. E' um artista que trabalha serenamente, modestamente.

E' preciso que lhe venha da Australia uma encommenda do valor da fonte de Sydney para que elle faça um pouco falar de si.

Está longe de ser um esculptor celebre.

A celebridade, entretanto, ha de vir-lhe um dia, talvez, mesmo, via Sydney.

Afinal de contas, não é o caminho mais curto, mas não é tambem o mais longo.

\+

\+ \+

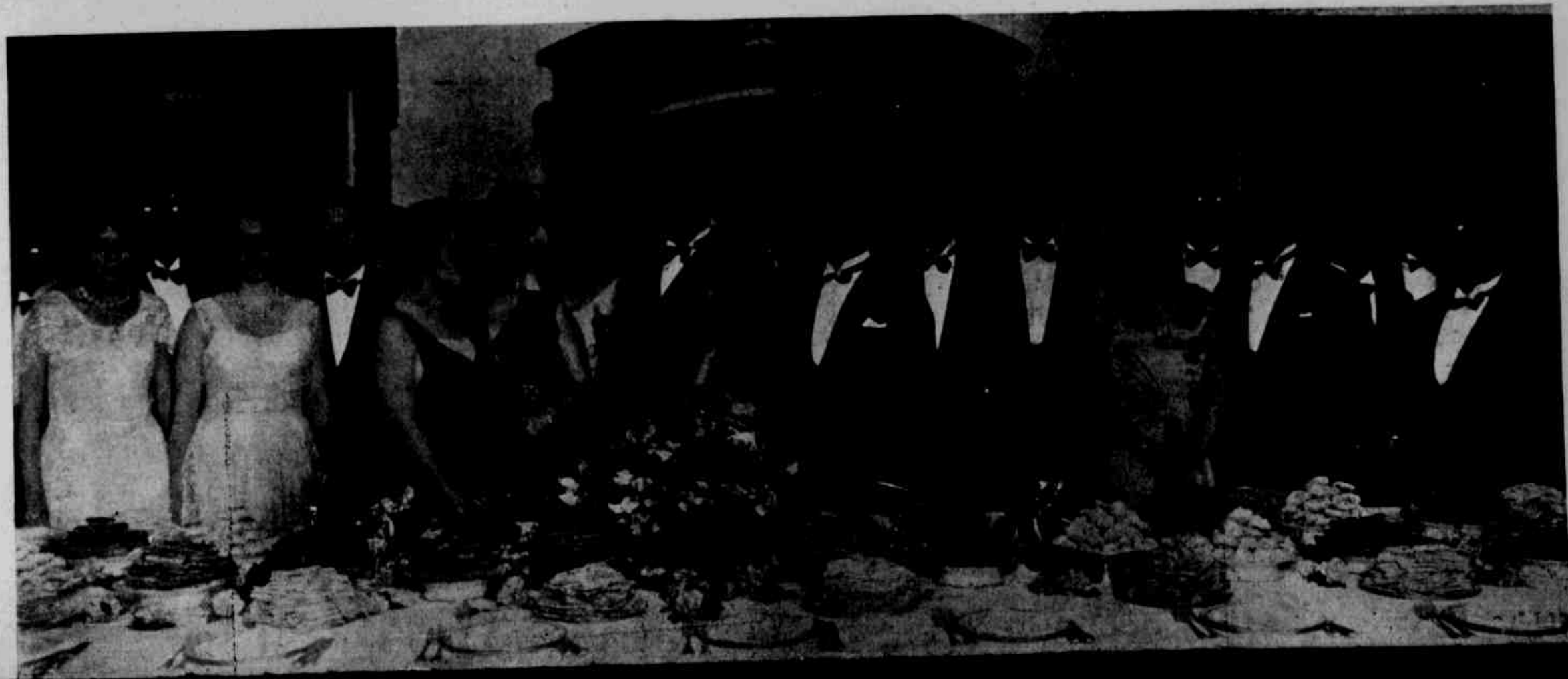
A maior parte do seu tempo é consagrada ao curso de esculptura que dirige na Escola de Bellas Artes de Paris.

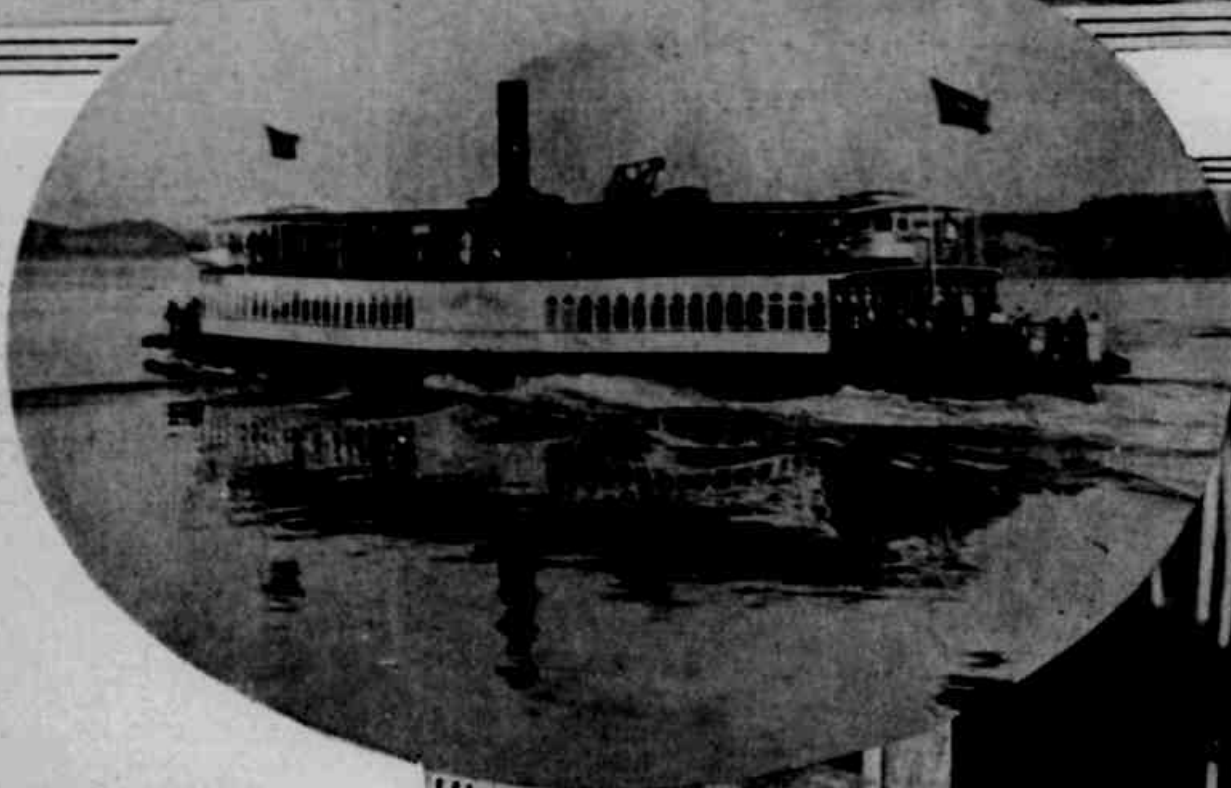
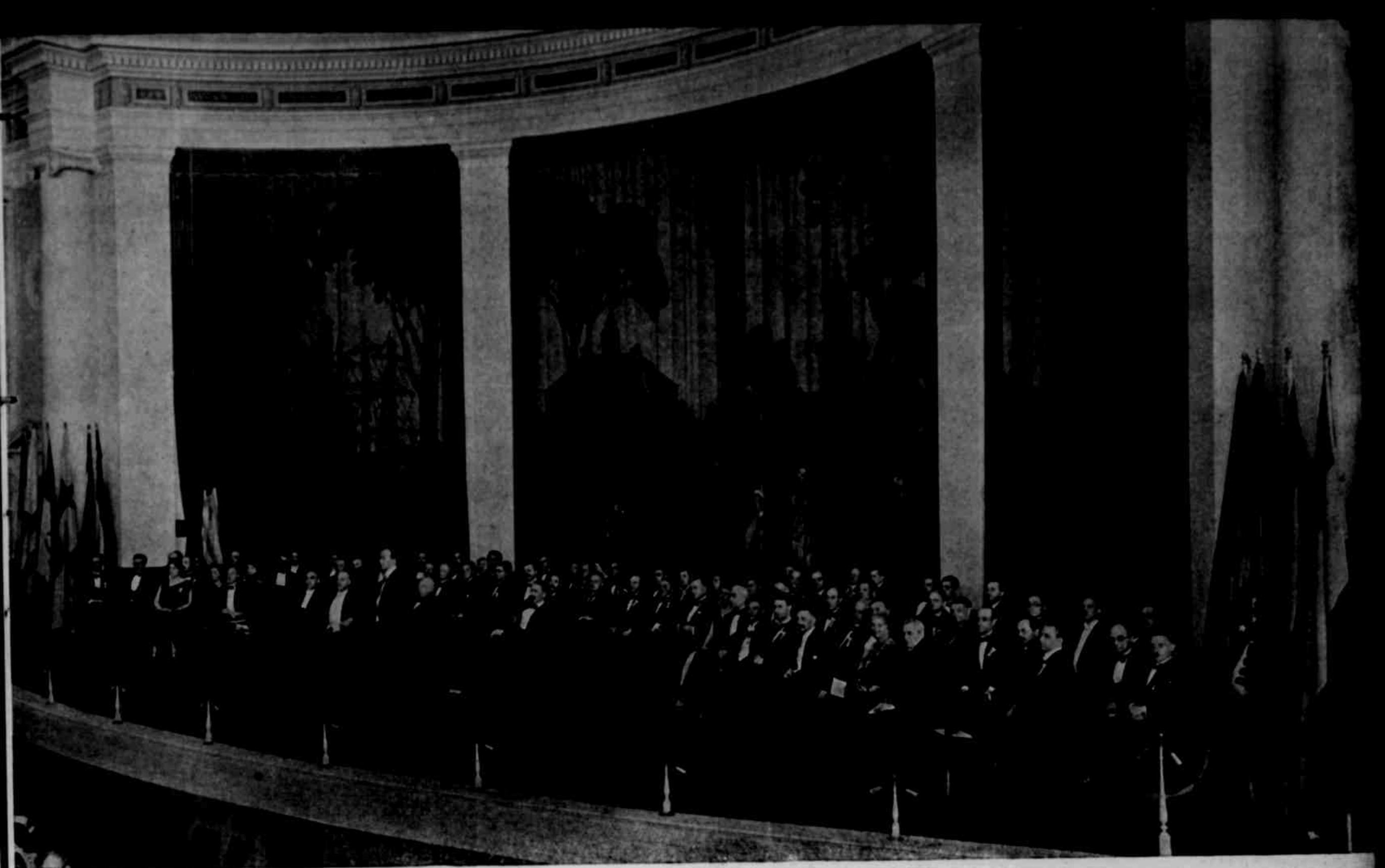
O ensino não é a melhor applicação das faculdades de um artista. Insistir nas mesmas regras, nas mesmas theorias, nas msmas minucias, não provocá a vibração cerebral necessaria á vida de um creador. O despotismo quotidiano das lições viola o mysterio em que as idéas conspiram pelo nascimento da obra de arte.

Em todo caso, Sicard leva uma vantagem sobre outros mestres da esculptura contemporanea, obrigados a ensinar numa escola.

Sicard dirige uma aula de moças. Assim, entre rostos sorridentes de rumaicas, tcheques, russas, polonezas ou francezas do mais authentico Paris, o velho mestre, com ar de bonhomia melancolica de um philosopho desencantado, vae desvendando os segredos da anatomia e da modelagem. Sua classe é das mais concorridas. A sympathia do mestre é um motivo de attracção. Nos olhos ardentes das discipulas passam clarões de contentamento. Sicard explica, ellas comprehendem... Emquanto no meio da sala, o modelo, resignado, reflecte, horas inteiras, na triste situação a que se vê, ás vezes, reduzido um rapaz pobre, que tem de ganhar a vida numa attitude de Appollo de fancaria para uso interno...

Vespera de São João no Solar de Monjope

O Dr. José Marianno Filho offereceu aos architectos do IV Congresso Pan-Americano uma linda festa brasileira na sua casa colonial.

Pela bahia do Rio de Janeiro

Os architectos do IV Congresso Pan-Americano fizeram com os seus collegas cariocas um passeio pelas ilhas da Guanabara.

A barca que conduziu os illustres excursionistas e suas familias, aspectos de Paquetá e instantaneos do desembarque na ilha maravi-

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DE HYGIENE MENTAL

Sessão de abertura na cidade de Washington, em Maio deste anno.

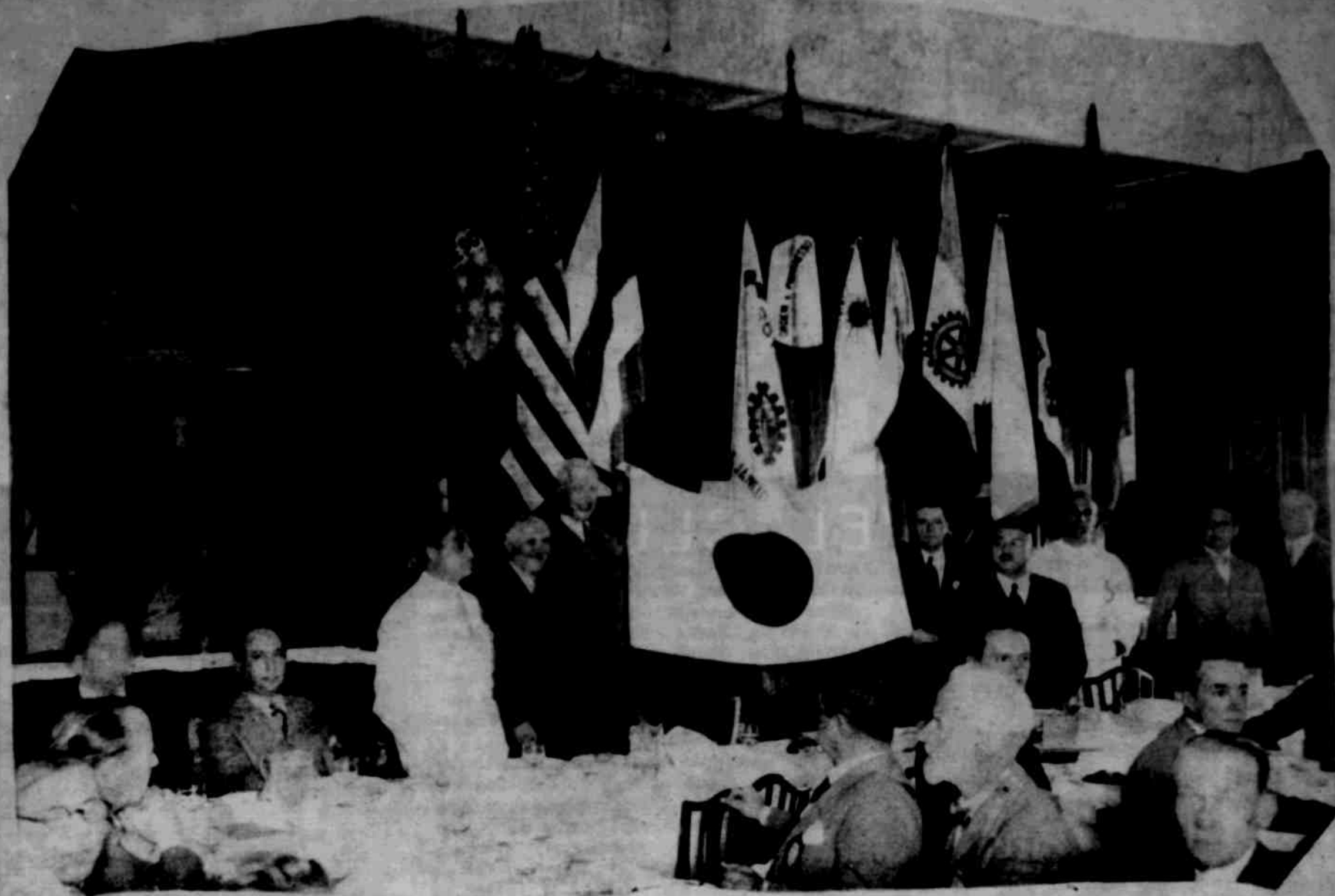
O Dia do Manacá

Hoje, a collecta para a Pró-Matre vae dar um sorriso á cidade. Aqui está um instantaneo da reunião em que foram fixadas as ultimas bases para o Dia do Manacá: senhoras Baroneza do Bomfim, Stella Duval, Jeronyma de Mesquita, Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Sully Souza, Meira, Alvaro Vaz, Adelia Lopes, Yvette Ribeiro; senhoritas: Regina Amoroso Lima, Chavantes, Esther Ferreira Vianna, Acy Coelho. Ainda tomaram parte como "patronesses": senhoras Gervasio Seabra, Rachel Prado, Machado Coelho, José Carlos de Figueiredo, Frank Hime, Renato Souza Lopes, Lévy, Alberto Rocha, David Campista, Luiz Moretzohn, Delgado de Carvalho, Viuva Queiroz, Associação Christã Feminina e Associação Pelo Progresso Feminino.

AUTOMOVEL CLUB DO BRASIL

J A N T A R   D A N S A N T E

Foi sabbado da outra semana. Estiveram presentes as embaixadas ao IV Congresso Pan-Americano de Architectos e figuras de alto destaque na sociedade carioca.

Na photographia de baixo está a mesa central com os nossos hospedes, o senhor Nestor Figueiredo, presidente do Congresso, a pintora Sarah de Figueiredo, o poeta Olegario Marianno e sua senhora.

Aspecto tomado por occasião da entrega de uma bandeira japoneza ao Rotary Club do Rio, por intermedio do sr. E. M. Van Voorkees, director da General Motors do Brasil, em nome do Rotary Club de Osaka, Japão.

OS TRES REIS MAGROS DE MADEMOISELLE

Amas a tres peraltas. Dividida
Tua alma é delles. Cada qual peor.
Andam se engalfinhando toda vida...
Gaspar e Balthazar e Melchior.

Este joga *foot-ball*. E' um rei do *sport*
Difficil de levar-se de vencida.
Aquelle tem uma barata *ford*
E o outro é um bate-calçadas da Avenida.

Isso é um nunca acabar! De luta em luta,
De mentira em mentira, esperta e astuta
Vaes a vida levando... Mas bem vês:

Tornas teus dias cada vez mais agros
E, dando o coração aos tres reis magros,
Ficas mais magra do que todos tres.

GRETA GARBO

Eu me lembro de uma outra. Parecia
Tanto com ella que hoje quando a vejo
Na téla, fria, inteiramente fria,
Meu beijo toma a fôrma do seu beijo.

Passarinho cansado, cujo adejo
Entre os meus braços tremulos morria,
Devo-lhe todo o bem que me sorria,
Por que ella foi meu sonho e meu desejo.

Passou... Mas entre todas que malsino,
E' sem duvida aquella que persiste
Em ficar integrada em meu destino

Porque, de quando em quando, em noite calma,
Ouço-lhe a voz abandonada e triste
Como se ella estivesse na minh'alma.

JOÃO DA AVENIDA

AQUELLA rua tinha um nome, e casas que desciam, de lado a lado, até a praia do Flamengo. Mas, para os amigos de Raymond, um francez da Alsacia que morava ali, ella se incluia inteira, com todas as suas edificações e vida, no numero 42, que era o do andar terreo onde tantas vezes nos reuniamos.

— Vaes amanhã ao 42?...

— Hontem houve festa no 42...

E esse numero, o da casa de Raymond, andava sempre assim na nossa roda, fluctuando com o fumo das palestras, prendendo os desejos ás saudades e traduzindo o sentido das nossas scismas, como dous algarismos que mordessem de luz o contorno das esperanças doidas, e tudo tocassem de sua força cabalistica.

— Vem hoje! — convidava-me Raymond. Eu ficava ao começo indeciso, sem animo de enxotar o proprio tedio, e não respondia nada. Elle insistia, adivinhando-me a molleza da vontade. Insistia duas e tres vezes e depois calava. Erguendo-me da cadeira, chegava á janella de seu escriptorio de arranha-céo; e, olhando, lá em baixo, os carros que cruzavam, os bondes que seguiam pelos trilhos de sempre, e os vestidos que cortavam o jardim em direcção aos cinemas, eu pensava no horror da minha alma solitaria e ia por instincto refugiar-me no 42, que era a vida para os outros e, para mim o remedio de esquecel-a, ou de atordoal-a, para lhe tirar a profundeza. Depois, quando voltava, tomando do chapéo e estendendo a mão a Raymond, antes que elle insistisse ainda, eu prevenia vencido:

— Está dito. Espera-me hoje.

Sonia, que julgava me decifrar o segredo da felicidade, ensinando-me como se diz amor na lingua russa; Bianca, que me cantava á meia voz uma canção de Napoles; Yvonne, que era tão descarnada e feia, mas sabia sorrir e tinha vestidos lindos, e quantas e quantas que nem sei mais, ali naquelle 42, procuraram em vão reflectir-se na corrente torva! No emtanto, está intacta a lembrança de Irene, e lavada do frescôr daquellas rosas do ultimo quarto, que nos espiavam pela janella, colladas á vidraça, e a se desmancharem de curiosidade! Ah, que eu não vivi jamais neste mundo onde todos me falam, entre os homens e as cousas, em cuja presença se desdobram os novellos de todos os destinos, e se murcham as mocidades! E' que a vida, eu só a tive e senti deveras naquelle recanto do 42, onde trançava os dedos nas mãos de Irene, na illusão de deter o curso das horas lucidas de delirio, que fugiam pelo mostrador de suas olheiras!

— Raymond, has de me ceder um dia aquelle quarto que dá para o jardim...

— Quando quizeres, e uma vez que o mobiles elle será teu.

Sahi radiante, e fui por ali fóra, perdendo-me defronte das casas de moveis, á procura de alguns que pudessem desdizer, pela sua simplicidade e ar commum, de todo o luxo vicioso do resto da casa. Não desejava que Irene, habituada ás linhas severas do interior de sua moradia da Tijuca, em que tudo respirava a vida familiar de outros tempos, e a cada objecto se prendia uma recordação pura de sua meninice, se estiraçasse pelos divans rasos aonde as visitantes do acaso iam afundar-se de labios humidos de champagne.

Foi assim que ao outro dia o quarto das rosas, como lhe chamava Raymond, amanheceu com uma mobilia de desenho vulgar, sem graças affectadas de espelhos de abrir, sem tamboretes, nem tapeçarias finas e aparadores chapeados de madreperola. Irene pareceu todavia não gostar do arranjo. Enviesou os moveis, depois de haver enfiado em todas as chaves laçarotes de fita que alegraram a alcova de um enxame de borboletas paralysadas. Trouxe-me, mais tarde, uma almofada de setim preto, onde se rasgavam duas azas brancas em diagonal, e uma lampada de cabeceira com bailarinas nuas de porcellana, que dansavam illuminadas de trombeta na bocca. E numa manhã de chuva, appareceu-me ás pressas, com uma moldura de prata para a sua photographia, e com outra almofada ainda, redonda e de cara de palhaço, e tambem com umas sandalias de seda encarnada. E ficou prompto aquelle ninho escondido do 42, e assim permaneceu até o dia do leilão.

A singularidade daquella peça encravada no fundo da casa logo se impoz á observação dos licitantes e curiosos, que se intrigavam cotejando seus moveis modestos, apesar da cara cynica do palhaço e da trivialidade tristissima das fitas com os que se ostentavam pelos demais compartimentos, alguns bojudos como uma bacia de pulpito, ao gosto colonial, e outros frageis e dourados, com archotes em cruz e cartuchos de flores que lhes davam um ar vaporoso. A almofada preta e as proprias bailarinas faziam sorrir aos que chegavam, tendo ainda a lhes nadar no infinito das retinas a imagem das alcatifas crespas, dos gobellinos que escorriam pelas paredes, dos pannos adamascados das ottomanas, dos prato de bronze que tangiam chamando creados invisiveis, dos apparelhos arabes de fumar, e dos portas-crystaes repletos de taças de fórma de funil.

Ninguem diria, vendo o quarto das rosas, tão pobre e singelo naquelle ambiente de morbido e espaventoso conforto, que ali tantas tardes eu passára sorvendo os effluvios da belleza de Irene, vendo-a arquear-se na barra dos meus braços e pender, não raro pensativa, como a indagar até onde nos levaria aquelle amor insaciado de sonho e de presagios.

Emquanto o leilão não se lançava e antes que engrossasse a onda dos estranhos, quiz revêr, não sei por que e nem creio possa haver alguem que o explique, o aposento que estivéra, como tudo ali do 42, desde a morte de Raymond, confiado á justiça, que mandára leiloar o espolio, attendendo a que os herdeiros se achavam na Alsacia. Pensei na exquisitice do destino que me fizera adquirir aquelles moveis em beneficio dos parentes do finado, que havia deixado tantas cousas ricas e não precisava daquillo. Mas, apesar da facilidade das provas, como seria possivel, com decencia e resguardo, requerer ao juiz a sua exclusão do arrolamento? Pensava nisso para não pensar em Irene. Olhando, porém, a moldura vazia e já estampilhada pelos moços do leilão, revivi as scenas da morte repentina de Raymond e sorri amargo, lembrando-me do cuidado com que desentalara dali a photographia, escondendo-a dentro de um jornal que levava enrolado na mão ao despedir-me das autoridades que tomaram conta do 42 mal o cadaver foi transportado.

Que tarde horrivel aquella! Eu estava contando a Irene nem sei mais que, de olhos embaraçados na franja de seus cabellos que me aromatizavam a vida e tinham um polido novo de cobre, quando ouvi um grito agoniado, partido de dentro da casa. A chave da porta, no impeto com que lhe quiz torcer as voltas, partiu-se; escalavrei os dedos, embainhando as unhas nos trincos, grudados á mão de oleo antiga, e corri para o quarto de Raymond. Irene quiz telephonar, chamando os medicos de soccorro. Cortei-lhe o movimento impensado e antes de fazer o chamado com a minha vóz, tive tempo de lhe afogar zeloso a gola do roupão de banho, que cedera do lado, deixando branquear meio globo de seio.

Raymond estava pallido e de olhos escancarados por um terror que eu não via.

— Que é?... Que tens?... Fala! Sou eu, Raymond! Não me reconheces?...

Respondia-me estraçalhando a frente do pyjama, como se quizesse arrancar o osso do peito, e sentisse lá dentro um punhado de viboras a lhe enroscarem o coração. Ficava cada vez mais pallido, a olhar-me sempre fixamente, de bocca aberta e numas ansias que eu não sabia se eram arquejar de vomito, ou afflicção de ar.

Irene trouxe-lhe um copo dagua, que elle não bebeu nem viu. Fil-o recostar-se á beira da cama, e abri um vidro de extracto, que lhe levei ao nariz, e entornei depois na toalha de rosto, esfregando-lhe afflictamente o peito. Tudo em vão! Forcei-o a deitar-se, e Irene lhe arrumou geitosa os travesseiros, altos. Mas elle só se ergueu logo, com as suas dores de paroxysmo, e tambem logo recahiu, com o mesmo pasmo

dos olhos, que se fixavam em mim, ou na morte. A sua lividez se foi tingindo de roxo, de um rôxo que ia subindo como um papel de seda por dentro de sua pelle transparente, e se foi depois descolorindo, descolorindo... Levantei-lhe a cabeça, e ella cahiu; declinei-a para o lado, e ella ahi ficou.

— Irene, meu amor, sáe daqui... Veste-te ás pressos, e esconde-te lá pelo fundo...

Era tempo. O medico chegava, de enfermeiro e malas á frente. Olhou Raymond e viu o cadaver.

— Se quizer, disse-me, posso tentar a pinça na lingua, tentar o que sempre se tenta nesses casos, quando se chega tarde... E o amigo lhe puxará os braços... Mas, repare que é inutil... O seu irmão (elle era seu parente, não?), como vê, está morto!

— E agora? Como vae ser, doutor?... Pobre Raymond!

— Eu não adeanto nada! Não conduzimos cadaveres... E' do regulamento... Tambem não posso attestar o obito sem a autopsia, que é exigida nesses casos... Chame a policia, porque ella vae receber o aviso, e fará o transporte e a abertura do inquerito...

Depois, fiquei só. Não tinha medo de velar o corpo; mas, vendo aquelles olhos vidrados a me despertarem as reminiscencias dos de um cão que me apparecera um dia morto na estrada, quando eu era ainda muito creança e, indagava a todos de casa que era morrer e por que se morria; sentindo aquella immobilidade sinistra em meio ás cousas do seu uso, que pareciam se mexer, como as calças, dependuradas no cabide, e ainda com os vincos de seus passos e os sapatos, amarellos e cahidos no tapete como elle os deixara, de cordões desatados, tudo, sem me horrorizar, affligia, excitando-me a necessidade de pensar que eu tambem não estava morto, nem ia morrer, e poderia suffocar-me numa onda de vida que me fizesse esquecer do fim e me varresse a angustia cerrada do inexoravel.

— Irene! Irene!

Ella surgiu vestida para sahir e, estranha, com os labios empastados de vermelho sob o desfigurado das faces e o transtorno da expressão. Abracei-a para abraçar a vida de que me ia esquecendo. Irene retrahiu-se com ar grave e que interpretei como escrupulo de religião, ou desejo de não despintar a bocca do carmim fresco, como tantas vezes ella me explicava, despedindo-se á porta e arrojando-se ao primeiro taxi.

— Ouvi o que disse o medico... Tu vaes consentir na autopsia? Deves te oppôr a essa crueldade. Lembra-te que Raymond era teu amigo intimo, o unico que sabia do nosso caso... Tu não has de deixar que na policia lhe rasguem, lhe cerzem e retalhem todo o corpo e depois costurem tudo ás pressas...

Respondi que não podia ser de outro modo e, se tentasse impedir o exame, seria capaz de deitar suspeitas de um crime, de algum envenenamento... Era preciso chamar a policia, e ella que ficasse ali, se não tinha medo, que eu ia telephonar...

Irene andou para o cadaver, de mãos estendidas como uma sacerdotisa, e pareceu-me que tinha tenção de lhe descer as palpebras, e cruzar-lhe os braços, ou ageitar-lhe ao menos o esquerdo, que cahia fóra do leito numa expressão de dôr, como se nelle radiasse ainda um resto de vida.

—Deixa-o como está... E' assim que a policia deve examinar...

Ella parou abaixando a cabeça e, escorrendo os braços, amarrou as mãos no fundo do ventre, sem soprar palavra. Fui ao corredor. A linha estava em communicação. Ia esperar alguns momentos, voltando para junto de Irene, quando, no limiar da porta, dei com o seu vulto debruçado sobre o cadaver, e vi que apinhava os labios na bocca já empedrada, e fria de morte. Retrocedi pelo caminho surdo dos tapetes e fiz nova ligação. Attenderam-me. Depois, metti o phone com estrepito no supporte e voltei tossindo secco pelo corredor que me atabafava os passos. Ao entrar no quarto comprehendi que Irene, curvando-se, enleiara o collar de fantazia na mão do morto e, ao afastar-se, o fio se rompera. Ella estava colhendo as perolas pelo tapete e procurava algumas dentro dos sapatos amarellos. Ajudei-a, dizendo que se apressasse. Já se convencera de haver arrebanhado todas, quando percebeu que Raymond lhe offerecia, no fundo da mão esquerda, duas perolas que não sei como acertaram de ficar ali. Olhou-me furtiva e ia esticando o braço para colhel-as. Mas eu, como se não desse tento do disfarce, nem da sua inquietação, repeti:

— Deixa o cadaver como está. Olha que a policia ahi vem...

Ella agachou-se de novo, fingindo que ainda catava mais algumas perolas na tapeçaria. Disse-lhe, então, affectando impaciencia:

— Vae de uma vez, Irene!... Que esperas ainda? Olha que a policia não póde demorar...

— Dá-me um beijo que eu já me vou! — respirou profundo.

— Um abraço, Irene, que não quero te tirar o carmim...

Apertando-a, vi pelo espelho que, com o braço livre, ella diligenciava tocar o do defunto, e tomar as duas perolas. Apertei-a mais, fazendo-a girar sobre os calcanhares e frustrando-lhe a tentativa ansiosa.

Depois, desenlaçando-a, agarrei-lhe as pontas dos dedos, no adeus de sempre, mas sem os levar á bocca.

— Ah, a minha bolsa... Deixei-a lá dentro... Vae buscal-a, que está em cima da mesa de jantar...

— Olha! Está ali... no canto daquelle divan...

— Ainda bem... Traze-me um copo dagua, que estou muito nervosa... Hoje meu marido só não desconfiará de nada, vendo-me esta cara, se fôr mais estupido ainda do que penso...

Encaminhei-me para buscar o copo dagua. Mal trasspuz a porta voltei, porém, perguntando:

— Queres agua gelada, ou do filtro?...

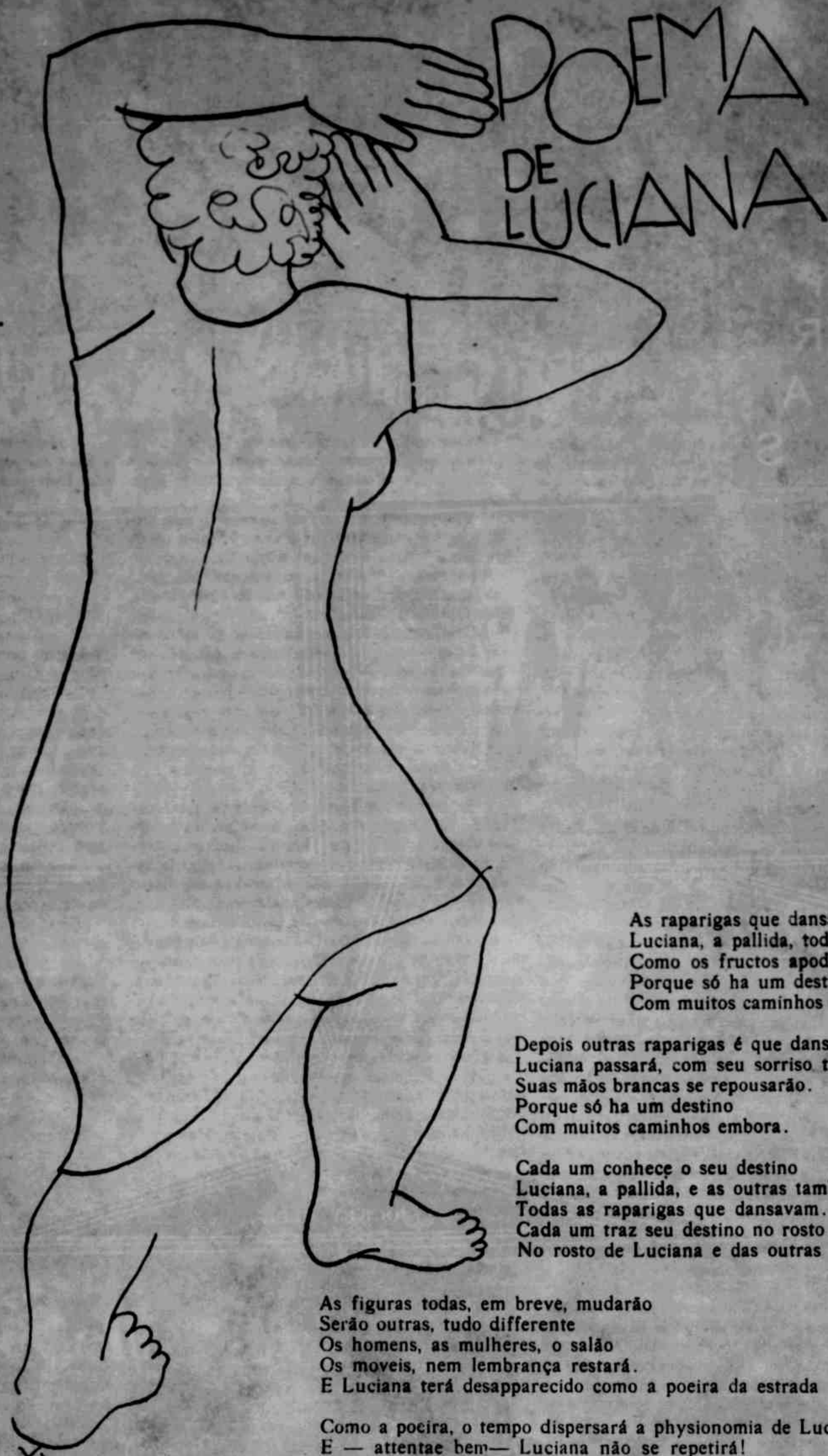
Irene estremeceu á minha voz, e respondeu com a sua sumida:

— Do filtro...

E, como ella estivesse de novo perto da mão de Raymond, tambem de novo recommendei:

— Cuidado! Não toques no cadaver... A policia não tarda...

Veiu a agua. Antes de bebel-a ella já estava outra, alliviada, como se as perolas que mettera assustada na bolsa a houvessem opprimido, na mão do morto, como duas montanhas. Chegou a sorrir, bolindo com os olhos que scintillavam, rorejando ainda. Abriu a porta e sahiu quasi fugida. Mas eu cheguei á janella, chamando-a. Ella voltou, parando á entrada do quarto, intrigada, e perguntando se acaso se esquecera de alguma cousa...

— Sim, Irene... Vae depressa lá dentro, antes que a policia chegue, e molha o teu lenço no alcool, porque não te esqueceste das perolas, mas deixaste aquelle beijo de carmim na bocca do morto...

As raparigas que dansavam,
Luciana, a pallida, todas
Como os fructos apodreceram,
Porque só ha um destino,
Com muitos caminhos embora.

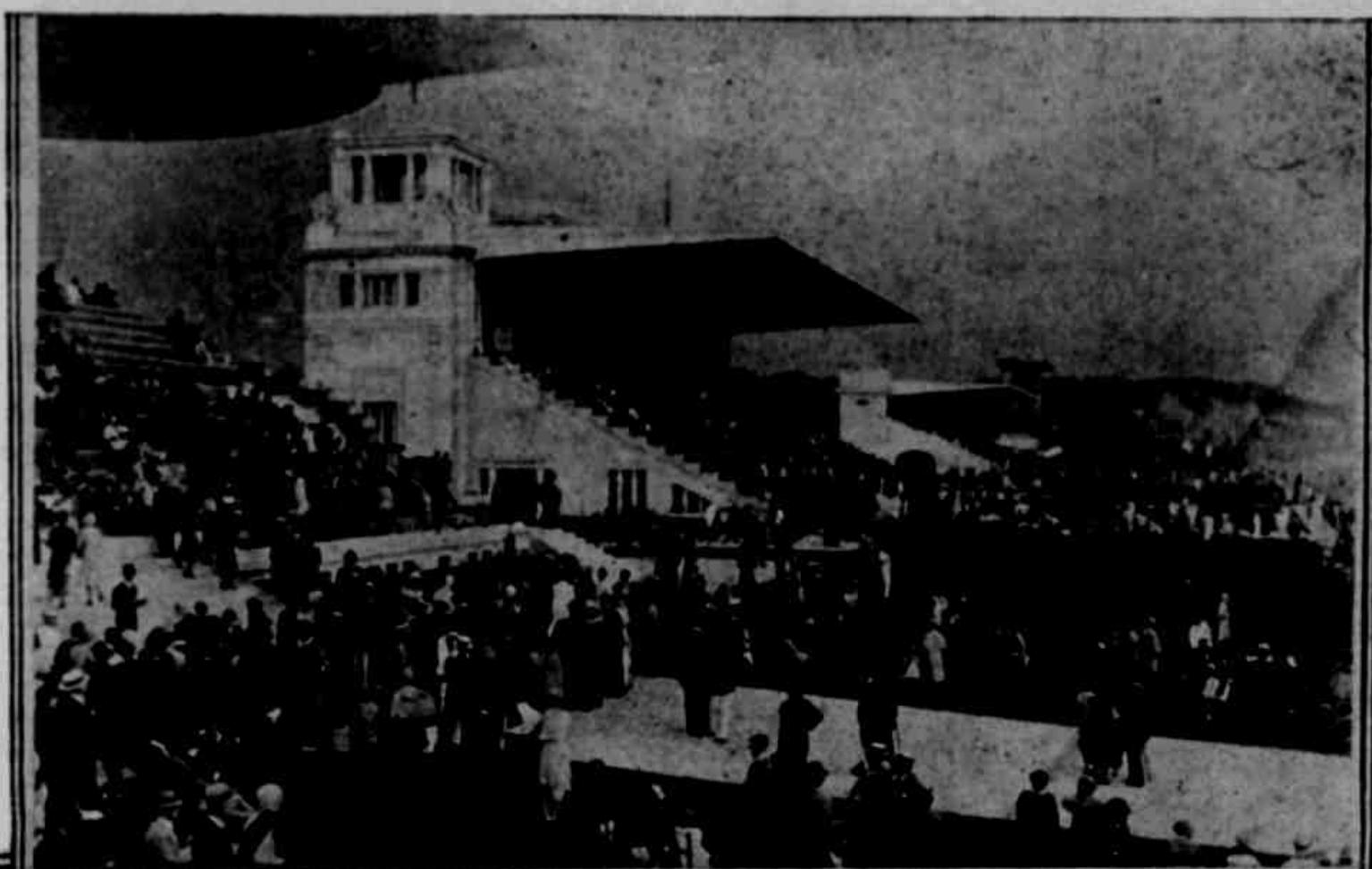
Depois outras raparigas é que dansarão
Luciana passará, com seu sorriso triste.
Suas mãos brancas se repousarão.
Porque só ha um destino
Com muitos caminhos embora.

Cada um conhece o seu destino
Luciana, a pallida, e as outras tambem
Todas as raparigas que dansavam.
Cada um traz seu destino no rosto.
No rosto de Luciana e das outras tambem.

As figuras todas, em breve, mudarão
Serão outras, tudo differente
Os homens, as mulheres, o salão
Os moveis, nem lembrança restará.
E Luciana terá desapparecido como a poeira da estrada

Como a poeira, o tempo dispersará a physionomia de Luciana.
E — attentae bem— Luciana não se repetirá!
Ninguem se repete no tempo.
Luciana não se repetirá.
Cada um é differente.
Cada um existe uma vez só. E não é substituido!
Contemplae bem, pois, Luciana que não se repete!

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

CARREIRAS DE DOMINGO

NO JOCKEY CLUB

PELA CASA MARCILIO DIAS

No Theatro Municipal

Miss São Paulo

Photographias das senhoritas que tomaram parte no espectaculo da outra semana applaudido por um grande publico elegantissimo.

A LEGENDA DA MARINHA

Miss Rio de Janeiro

A Viagem do Presidente Eleito do Brasil

Chegada a Nova York — O Dr. Julio Prestes com o General Hanson Ely e o Almirante de Steiguer que o foram cumprimentar em nome do Exercito e da Marinha dos Estados Unidos. A' esquerda, o Dr. Cyro de Freitas Valle.

A' sahida da visita do Presidente Hoover — O Dr. Julio Prestes entre o Embaixador do Brasil, Dr. S. Gurgel do Amaral, e o Secretario de Estado, Sr. Henry L. Stimson. Ao centro, atraz, o Dr. Martins Fontes.

Senhores George Achenson, secretario do Presidente Hoover; Warren Robbins, representante do Estado de Nova York; Dr. Julio Prestes; George F. Mand, representante da cidade de Nova York; Fernando Prestes.

A' esquerda: o Presidente dos Estados Unidos da America do Norte e o Presidente Eleito do Brasil, na Casa Branca, em Washington.

(Photos International Newsreel)

Manuel Bandeira por Cicero Dias

Dos livros deste anno, "Libertinagem" de Manuel Bandeira era o mais esperado e appareceu de surpresa. Ha que tempo a gente tinha vontade de lêr, todos juntos, os poemas desse humorista doloroso que vinham isolados, de quando em quando, dizer coisas da vida, do mundo. Da vida sentida por um homem de sensibilidade differente. Do mundo por onde vaga, olhando, ouvindo, comprehendendo, o artista intelligentissimo e brasileirissimo chamado Manuel Bandeira. Pois "Libertinagem" surgiu de repente. Está aqui. Voz, quadro, musica. Poesia que fala e conta mais do que fala. A's vezes, éco de pensamentos pensados e escondidos. A's vezes, prolongamento de realidades que se desfazem em sombra, em refléxo, em suggestão. Não se deve amontoar palavras sobre Manuel Bandeira. Deve-se lêr Manuel Bandeira:

CAMELOTS

Abençoado seja o camelot que vende
brinquedos de tostão:
O que vende balõesinhos de côr
O macaquinho que trepa no coqueiro
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homensinhos que jogam box
A perereca verde que de repente dá
um pulo que engraçado
E as canetinhas-tinteiro que jamais
escreverão coisa alguma

Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:
— "O cavalheiro chega em casa e diz:
Meu filho, vai buscar um pedaço
de banana para eu acender o charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está malu..."

Outros, coitados, teem a lingua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis
com o tino ingenuo de demiurgos
de inutilidades.
E ensinam no tumulto das ruas os
mitos heroicos da meninice...
E dão aos homens que passam preoccupados ou tristes uma lição de
infancia.

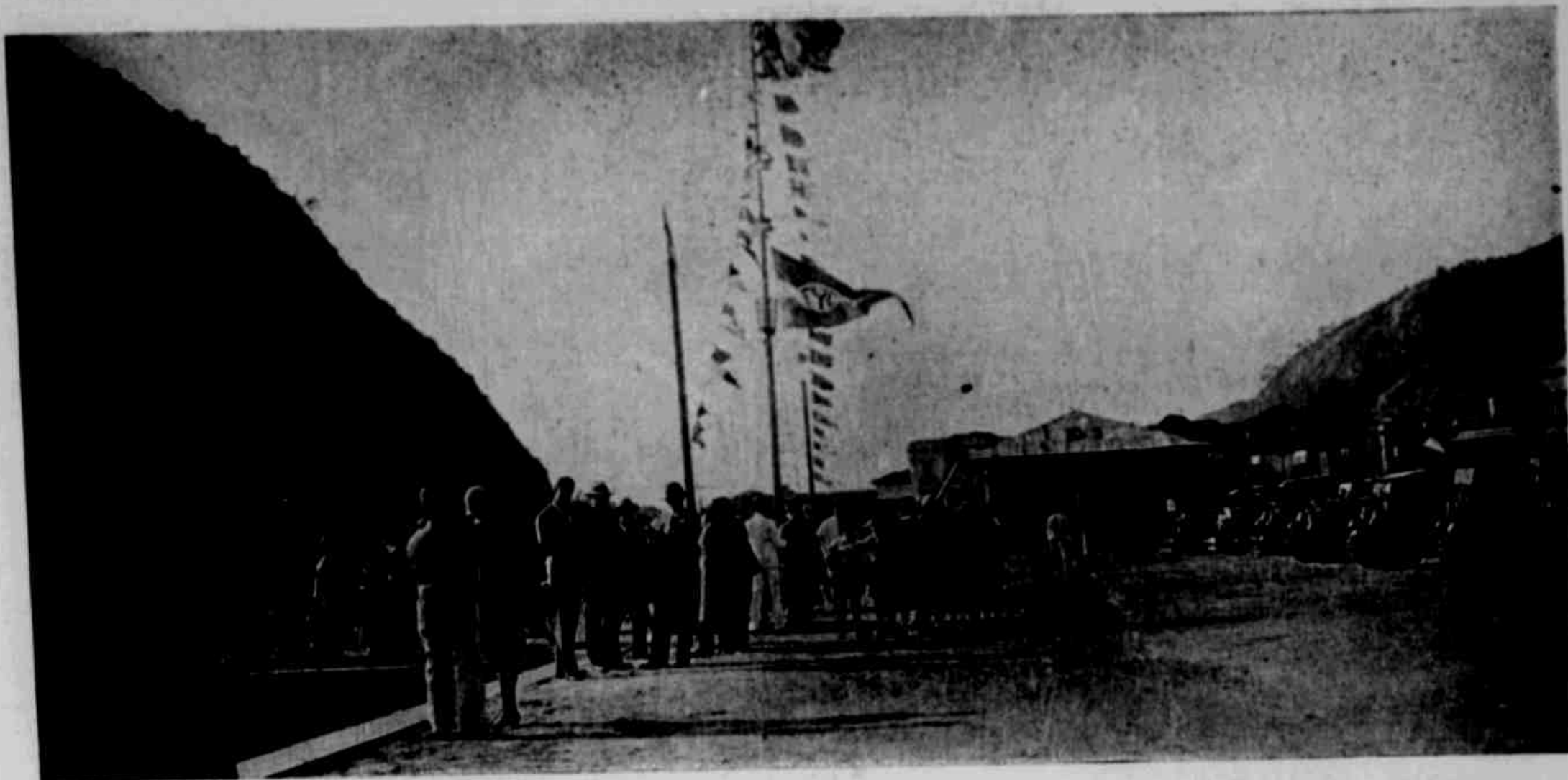
O MAJOR

O major morreu.
Reformado.
Veterano da guerra do Paraguai.
Herói da ponte do Itororó.
Não quis discursos
Não quis honras militares.
Apenas
A' hora do enterro
O corneteiro de um batalhão de linha
Deu á boca do tumulo
O toque de silencio.

POEMA DE FINADOS

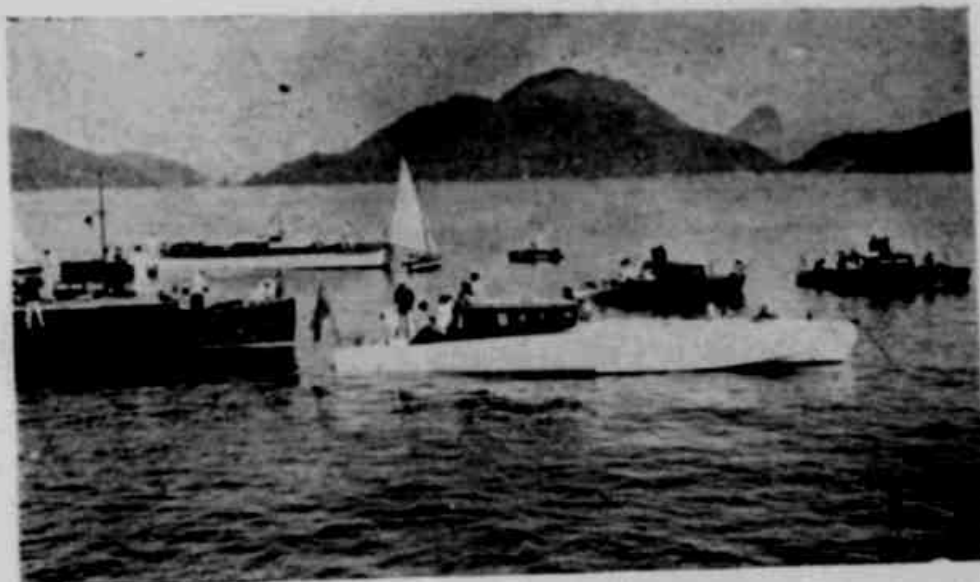
Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemiterio. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
E' a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero,
E em verdade estou morto ali.

Socios e convidados quando iam embarcar para a excursão.

Grupo de lanchas do F. Y. Club no Sacco de São Francisco.

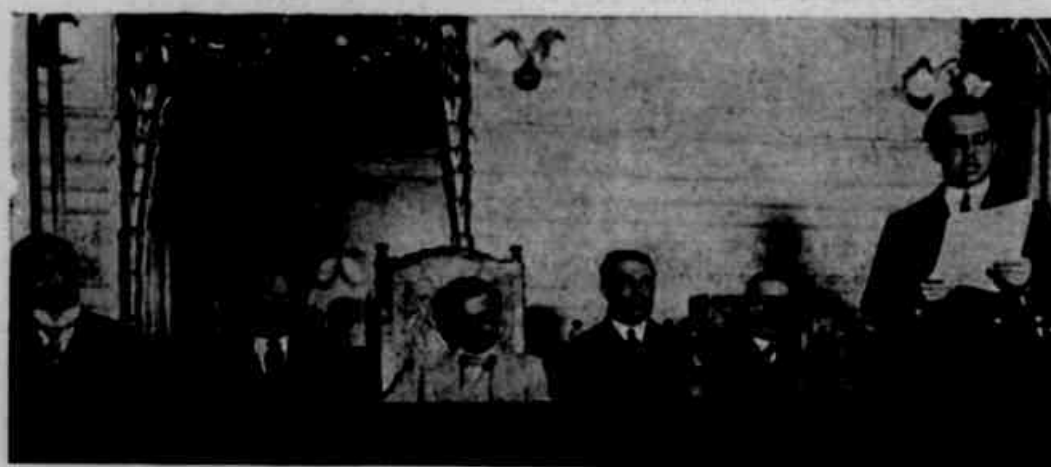
Fluminense Yacht Club

Yara I e Irany, as duas garças da flotilha do F. Y. C.

Sr. Eduardo Dale com as misses vencedoras do pareo Audaz.

Tres instantaneos da festa de anniversario do Asylo Pompéa com a presença do Sr. Presidente da Republica

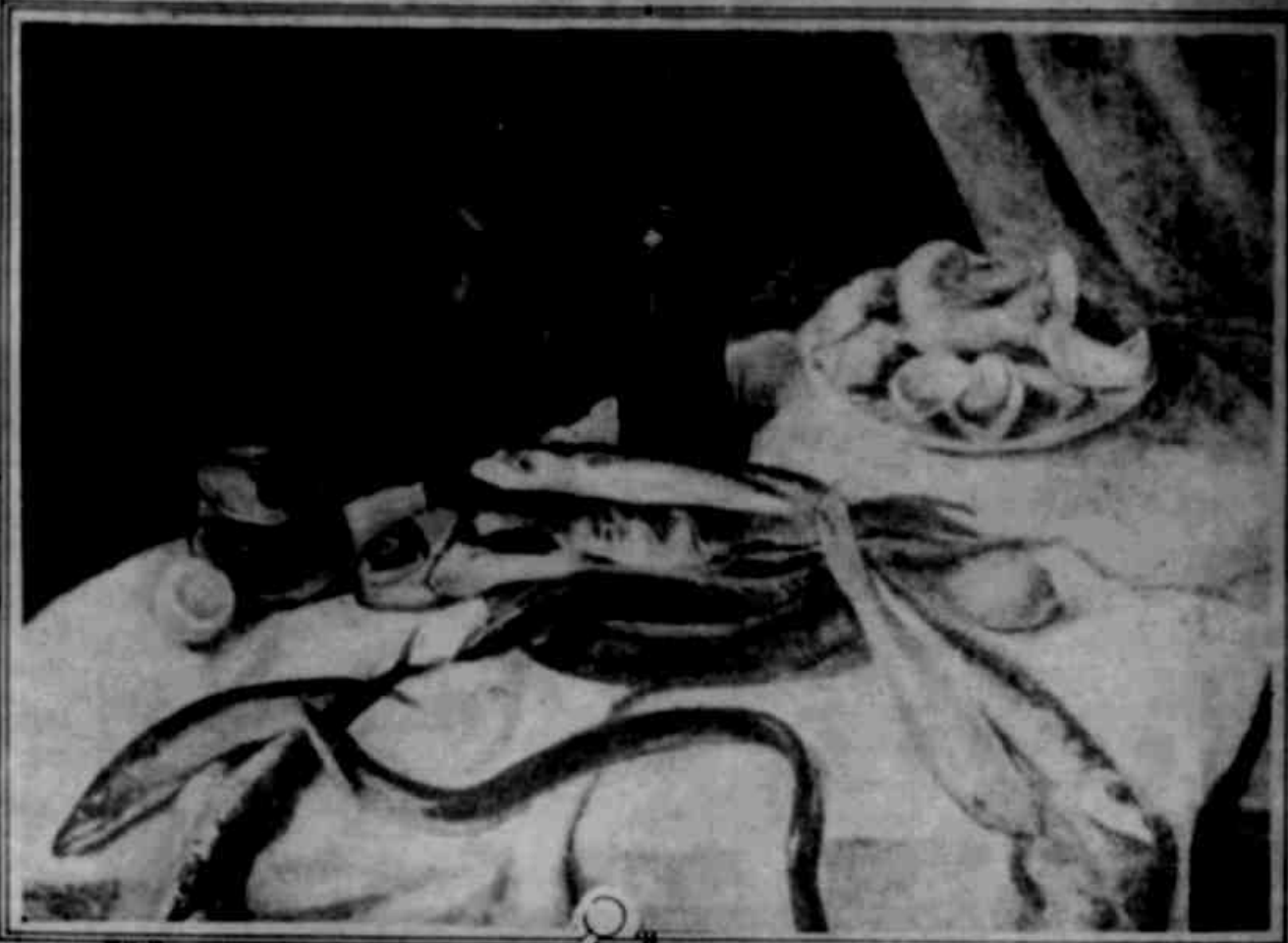
Em baixo: na Sociedade de Pharmacia, antes da conferencia do senhor João Daudt Filho, dia 27 deste mez

O Sr. Daudt Filho lendo a sua conferencia

Conferencia do Sr. Hidelbrando de Araujo Góes

Em baixo: na Sociedade Brasileira de Engenheiros durante a conferencia do Dr. Araujo Góes

A ARTE DE HUGO ADAMI

HA dois annos quasi, chegava ao Rio de Janeiro um moço sympathico que modestamente se dizia um pintor paulista. Inaugurada, porém, a sua exposição numa das salas da Escola Nacional de Bellas Artes, os criticos do Rio de Janeiro se aperceberam logo de que Hugo Adami não era simplesmente um pintor, mas um grande pintor que, em S. Paulo, merecera de Mario de Andrade, de Menotti Del Picchia, de Oswaldo Costa, de Silveira Bueno, de todos os nomes de maior responsabilidade na critica das artes plasticas da capital paulista as referencias a que a sua arte singular fazia jús.

Hugo Adami não era um passadista, nem, sob certos aspectos, modernista. Representava por isso, estando fóra de uma e de outra corrente, um caso tão excepcional que, como era inevitavel, a sua arte não foi comprehendida de maneira integral por todos. Emquanto uns o consideravam academicos, devido á sua preoccupação realista e devido, tambem, aos processos pictoricos de que usava, outros affirmavam que se tratava de um pintor modernista, pela composição original dos seus quadros e pela preoccupação estilizadora de certas télas.

O certo é que Hugo Adami não era nem uma, nem outra coisa, mas apenas um artista notavel, com uma personalidade perfeitamente definida, seguro do seu "metier", expontaneo e sincero que, alheio a theorias estapafurdias e a fórmulas de escolas (sempre academicas, quer modernas, quer passadistas...) realizara uma obra pessoal e serena, tão individual e tão equilibrada que chegou a surprehender pela originalidade que parecia impossivel provir de tanta singeleza de processos pictoricos.

E' que della promanava uma espiritualidade tal, de que só poderia impregnal-a a sensibilidade subtil e o gosto refinado de um artista de raça.

Agora Hugo Adami manda de Paris algumas de suas ultimas producções ao "PARA TODOS..." que, com prazer, as reproduz, para dal-as a conhecer aos seus leitores e como uma homenagem ao pintor patricio.

Hugo Adami expõe na "Biennale di Venezia", importante certamen artistico internacional, uma paizagem feita em Paris.

Sob o Bello

Na enseada de Pollensa.

MAJORCA tem o previlegio dos qualificativos. Chamam-lhe: Ilha de Ouro, T e r r a da Belleza, Ilha da Calma, Ilha do Sol e mais uma infinidade de nomes. Na verdade, com a sua arte, a sua rica natureza, as suas tradições, Majorca tem encantos tão numerosos que é difficil evocal-os num curto artigo. Poucos logares offerecem em 3.500 kilometros quadrados um conjuncto de attractivos tão variado.

Uma das regiões os reune mais particularmente, a de Pollensa e de Formentor, além de Miramar e de Valdemosa, onde residiram George Sand e Chopin. Paysagem maravilhosa de oliveiras, amendoeiras, figueiras e vinhas, sem uma pollegada de terra por cultivar. Vae-se ter lá directamente pelo centro do paiz. Mas, si não tivermos préssa façamos uma volta pela montanha, a partir de Inca: veremos gargantas selvagens, estradas em cornija, largos horizontes com imprevistos aspectos e o mosteiro de Lluch.

Esse mosteiro, num valle pittoresco, num recanto de lendas, é o mais antigo logar de peregrinação da Majorca. A estatua da Virgem que se venera ali, dizem, appareceu ha alguns centenas de annos a um joven pastor num clarão deslumbrante, em meio dos rochedos; e á pequena distancia do mosteiro está o *Salto da Bella Senhora*, um profundo pico de onde, contam, um máo marido precipitou a mulher e a reencontrou, pouco depois, rezando aos pés de Nossa Senhora de Lluch, que a salvára milagrosamente.

Vista do Cabo Formentor.

A 10 kilometros de Lluch, descendo da montanha, é Pollensa. A cidade occupa um baixio entre dois cimos, dos quaes um, o de Santa Maria, é coroado por um mosteiro fortificado. Devemos subir para termos a vista geral do sitio. Da alameda de cyprestes que conduz a um calvario, com os tons cinzentos lindamente patinados da cidade, a paysagem tem um *ar* da Italia e esse *ar* é a primeira impressão de Pollensa. A segunda, está num detalhe: as ruas estreitas, elevando-se ás vezes em escada, e as casas chatas muito caracteristicas com os portaes e as janellas emmolduradas com arte.

Acima da linha harmoniosa dos telhados e dos planos successivos, surge a silhueta do antigo convento da Montession, occupado hoje pela Municipalidade, que, com uma egreja do seculo XVI, é o principal monumento de Pollensa.

Ha uma pequena praça muito interessante pela animação. Ao centro, a fonte do Gallo e, em torno della, o vae-vem continuo das raparigas de Pollensa. São mulheres lindas, de olhos pretos, pelle morena, olhar expressivo, avelludado. E' um encanto ouvir, das vozes frescas, as saudações majorquinas, tão docemente melodiosas. Em Majorca, a pollidez é excessiva e não dizem simplesmente: "Bom dia" e sim: "Tenham um bom dia, uma boa tarde, uma boa noite". "*Bon dia, Bona tarde, Bona nit tengua*".

E' preciso não desprezar um golpe de vista pelos interiores tão acolhedores. A porta da casa, quasi sempre aberta, dá accesso a um *hall* que é das principaes peças da habitação. De côr clara, commummente enfeitado com plantas verdes, apresenta de um lado a escada de madeira, cuja elegancia de linhas completa o conjuncto.

Muito digno de reparo o mobiliario: a grande cama de columnas torcidas supportando o docel em *téla de lengua*, o antigo tecido do paiz; a mesa de pés curvos, as altas cadeiras de espaldar de couro.

Tudo isso e mais a belleza do logar dão um particular encanto a Pollensa. Accrescentemos ainda as tradições que são ardentemente conservadas. Nos dias de festa e de procissões, os habitantes exhibem o trajo regional. As mulheres se penteiam com graça, põem um cabeção chamado *rebozillo*, cruzado sobre o peito; corpetes de mangas curtas e aventaes listados muito typicos. Quanto aos homens, apparecem com calções franzidos, pequenos coletes, casquettes e o largo chapéo de feltro

Na estrada de Formentor.

Paysugem perto de Formentor.

dos antepassados. São tambem muito curiosas as velhas melodias do paiz. Reflectem o caracter majorquino, na sua primitiva simplicidade, e exprimem pelas palavras os pensamentos quotidianos e as occupações do povo. Cada officio tem a sua canção e os trabalhos dos campos acompanham-se de cantigas populares.

Pollensa é rodeada de jardins onde o aloés e a figueira da Barbaria dão a nota africana.

Nesses jardins elevam-se lindas villas. Um pouco além da ponte romana, muito pittoresca, fica o eternamente viçoso Valle d'Eu March cheio de granjas, de grandes propriedades e de bosques de laranjeiras.

Pollensa tem uma vizinha que merece ser vista, Alcudia, Foi onde, primeiro, se installaram os Romanos quando, sob Cicilius Metellus, conquistaram a ilha. Restam dessa época as ruinas de um theatro e umas arenas, infelizmente desnaturadas. As muralhas da idade-media e as suas portas fortificadas impressionam mais. Depois das recordações da Italia que nos traz Pollensa, Alcudia nos dá uma sensação arabe e, si seguirmos um caminho tortuoso, dominado por jardins, lembraremos. Fez.

Além das suas muralhas, Alcudia tem pittorescas ruellas e chaminés muito interessantes, com um pequeno tecto, que se

Céo da Majorca

No Paiz de Pollensa e de Formentor

Por Jean Fourgous

A quasi Ilha de Formentor.

encontram por toda a Majorca. Como monumento digno de nota, o burgo tem uma igreja do seculo XVI que se ostenta orgulhosamente entre as muralhas. Alcudia é ao Sueste de Pollensa. No opposto, para o Nordeste, ficam Castilho del Ray, Cala de San Vincente e Formentor. O Castilho del Ray, que viu fluctuar, no seculo XIV, o estandarte de Jayme III em luta contra o usurpador Pedro, domina, com as suas ruinas, uma grande estensão de costa penhascosa. Cala de San Vicente, que se attinge pelo Valle de Ternelle, é um desses curiosos ancoradouros da Majorca que offerecem ás costas de um mar selvagem a abordagem risonha dos seus grandes pinheiros.

Cost Llobera, nascido em Pollensa, o poeta do torrão majorquino, que cantou a natureza e as tradições da Majorca, emprestou áquel'a região o prestigio de uma graça romantica. Do Valle de Ternelle, uma das suas heroinas, Douce de Ternelle, enviou ao noivo, Georgio de Formentor, um nobre campónez, um *payes*, uma corbelha com laços de fita, cheia de rosas em botão, de finas *tortas* e de laranjas, como um rei não tinha na sua mesa. O

O Pinheiro da Pousada.

presente era um costume da festa do Esquilo, por occasião da tosquia dos carneiros. Ao entregar a corbelha em nome de Douce, o velho criado cantou como os trovadores:

— "Recebe como prova de amor este lindo ramo de flores. Do Valle de Ternelle envia-te aquella que te ama, Giorgio, Douce é tua. Para tal *payes*, tal senhora".

A terra de Giorgio de Formentor é vizinha de Pollensa e póde formar á parte um delicioso recanto para repouso. Vae-se lá pelo porto de Pollensa, que se estende ao fundo da bahia do mesmo nome, fechada pelos dois cabos Pormentor e del Pinar. Pequenas villas e residencias confortaveis invadem del Pinar com os seus jardins floridos de geraniums, os seus terraços alegrados pelo roxo dos bougainvillers, até a estrada que leva á quasi ilha de Formentor.

Essa estrada sóbe a encosta da montanha descortinando a bahia de Pollensa e os cumes do lado de Lluch; depois apresenta a visão da selvagem costa do Norte. Segue, então, para Mal Pas, um dos logares mais sensacionaes da Majorca, com altas rochas enquadrando o mar em fórmas caprichosas, num desvario de tonalidades onde se misturam harmoniosamente o cinza, o azul, o verde escuro. Passado Mal Pas é a descida para um valle e o retorno á bahia de Pollensa pela praia do Pinherio da Pousada, a mais bella da ilha. Um sul-americano enthusiasta da Majorca e que se fez dono de quasi toda a ilha, construiu ali um grande palacio moderno. De face para o Sul, junto do bosque de pinheiros, ergue-se o palacio na brancura das linhas sobriamente modernas, rodeado de jardins mouriscos, apresentando das suas janellas a bahia e o pico da Moneya.

Na ilha de Formentor existe uma granja veneravel e muito carateristica. Faz pensar em Giorgio de Formentor — talvez tenha sido a sua propria casa. Numa casa moderna que fica ao lado, viveu Cost Llobera.

Certos pedaços da granja remontam, pelo menos, ao seculo XIV e a cozinha é bem majorquina. A chaminé importantissima fórma como que uma peça á parte.

Alguns kilometros mais e, deixando esse quadro rustico, voltamos á praia do Pinheiro da Pousada. Cost Llobera cantou deliciosamente a grande arvore "mais velha do que a oliveira, mais forte do que o carvalho, mais verde do que a laranjeira, guarda nas suas folhas a eterna primavera".

Ainda existe o grande pinheiro e, com o velho paiz de Pollensa, á margem da bahia de linhas tão doces, tão rica de luz, debrucado sobre o azul saphira do mar, resume toda a Majorca, terra de lendas, paiz de belleza.

Interior de uma herdade mallorquina em Formentor. Os personagens são typicos.

A fonte "Do gallo" em Pollensa.

Em Pollensa. Uma curiosa rua em escada.

DA TERRA DOS OUTROS

A HOLLANDA continúa defendendo-se do oceano. A maior parte do seu territorio está situada abaixo do nivel do mar e o paiz luta, ha seculos, contra a invasão dos campos pelas aguas. Desde muito que suas costas estão rodeadas de formidaveis diques, os quaes, em diversas occasiões, desempenharam um papel militar na historia da nação batava. Assim, por exemplo, em 1672, Guilherme de Orange mandou abril-os e a inundação forçou os francezes a recuar.

Além disso, a Hollanda procura ganhar ao oceano a espansão territorial necessaria ao seu progresso. Actualmente aquelle paiz está realizando uma obra gigantesca, a seccagem do Zuiderzee. Bombas centrifugas collossaes estão trabalhando em Medemblick. Têm uma força de 4.000 volts e cada uma faz subir a uma altura de 6 metros 500 metros cubicos de agua por minuto. Graças a essa obra de um alto valor technico e de importantes resultados praticos, a Hollanda vae augmentar o seu territorio com 50.000 hectares.

No cliché, vê-se um edificio construido na localidade de Medemblick para abrigar uma das bombas possantes. Sob o céo brumoso, o genio humano desafia a natureza inclemente, dominando-a...

OS SR. EDGE, embaixador dos Estados Unidos da America em Paris (o que aponta com a bengala) e o general Pershing, antigo commadante das tropas norte-americanas na grande guerra, visitam as obras da capella de Bois Belleau, no mesmo sólo em que ha doze annos o sangue joven da nação americana correu generosamente para salvar a causa da França.

O embaixador e o general examinam o plano das obras, depois da visita que acabam de fazer aos alicerces do monumento christão. Ao fundo, uma linda estrada — as lindas estradas da França, que dão tanto desejo de partir...

OS Jogos Gregos de Delphos, ha pouco realisados naquella cidade da Grecia, como uma reproducção evocativa do bello mundo antigo, tiveram um numero de sensação. Entre as ruinas do stadium historico, aclamada por dezenas de milhares de espectadores, Miss Europa, a formosa Alice Diplarakou, appareceu de repente, jogando o disco com um athleta joven. Foi uma apparição encantadora. Sob a tunica, as formas perfeitas de Miss Europa evoluiam com uma graça adolescente, quasi infantil. E todos hão de convir comnosco: Mlle. Alice Diplarakou é muito mais bonita assim...

Dá vontade de brincar de rapto de Helena...

BERLIM é uma cidade que tem o maximo cuidado com o seu banho. A prefeitura observou, por exemplo, que numa praça em que se realiza todos os dias uma feira de peixe, o cheiro que fica, depois de acabada a reunião dos mercadores, é assaz desagradavel. Quem passava por ali tinha que apertar o nariz. O engenho germanico criou então uns apparelhos portateis, para a desinfecção e a desodorização meticulosa das pedras da praça. A gravura mostra dois empregados municipaes procedendo a esse trabalho de réga, com o ar compenetrado com que todo allemão realiza um serviço. O apparelho é carregado ás costas e permitte levar o esguicho ás frinchas mais reconditas. Não ha escama de peixe que escape!

ESTE veleiro entou para a historia. E' o "City of New-York", o tres-mastros em que o commandante Byrd realizou a sua maravilhosa expedição ao Polo Sul, expedição victoriosa em todos os sentidos, e no curso da qual as excepcionaes qualidades daquelle official norte-americano, puzeram a audacia e o sangue-frio ao serviço da sciencia. A photographia junta foi tirada logo que o "City of New York" aportou a Dunedin, na Nova Zelandia. Hoje elle está repousando da sua proeza nas aguas nataes. O casco, os mastros e as velas, ainda frios do longo contacto de muitos mezes com o gelo pólar, pedem ao sol de Nova York a doçura dos raios que não tinham lá-longe, no paiz das phocas e dos ursos brancos...

Um theatro para a gente que não é de theatro

Ha um não pequeno numero de senhoras, senhoritas e rapazes de sociedade que não occulta o desejo que tem de se dedicar ao theatro. São vocações decididas, alguns tendo já se sujeitado a provas de que sahiram victoriosos, todos á espera de uma iniciativa condigna que sirva de ambiente ás suas aspirações, sem prejuizo da consideração que se devem. O baixo nivel artistico do theatro regular entre nós e o preconceito contra elle existente não permittem o aproveitamento desses valores nas nossas companhias, que vivem adstrictas aos mesmos elencos, o que é, talvez, uma das causas do seu crescente desprestigio ou do fastio do publico.

E' preciso reagir contra esse estado de cousas. Varias idéas têm sido lembradas, varias tentativas têm sido praticadas, aliás com resultados animadores. Não custa insistir nesses propositos e, assim, um programma está sendo estudado pelo qual, com um fim de beneficencia, se realizarão, em um dos nossos theatros á tarde, semanalmente, espectaculo em que poderão tomar parte todas as pessoas de boa vontade que sintam attracção pela carreira do palco, sem importar a modalidade artistica. Não se cuida, por ora, de representar a alta comedia, nem mesmo comedias ligeiras, mas scenas rapidas, "sketches" e numeros soltos. E' pensamento dos organizadores congregar, nesses espectaculos, todos os valores artisticos que possuimos, de merito já comprovado, na musica, no canto, na declamação, no "folk-lore", na dansa, e mais aquelles elementos a que já alludi e que propendem para a arte de representar. A difficuldade de organizar programma que reuna todas essas possibilidades já se acha vencida e se a idéa encontrar sympathico acolhimento, estará em execução dentro de breve espaço de tempo.

Vão ter, portanto, nossas moças e nossos rapazes, a sonhada opportunidade para revelarem seus meritos artisticos, e não é demais esperar, desta nova tentativa os melhores fructos. Pode ser, mesmo, que ella dê origem a um movimento pro-theatro nacional, de resultados fecundos, agitando, mais uma vez, questão que tanto interessa á nacionalidade e que é, relativamente, facil de resolver.

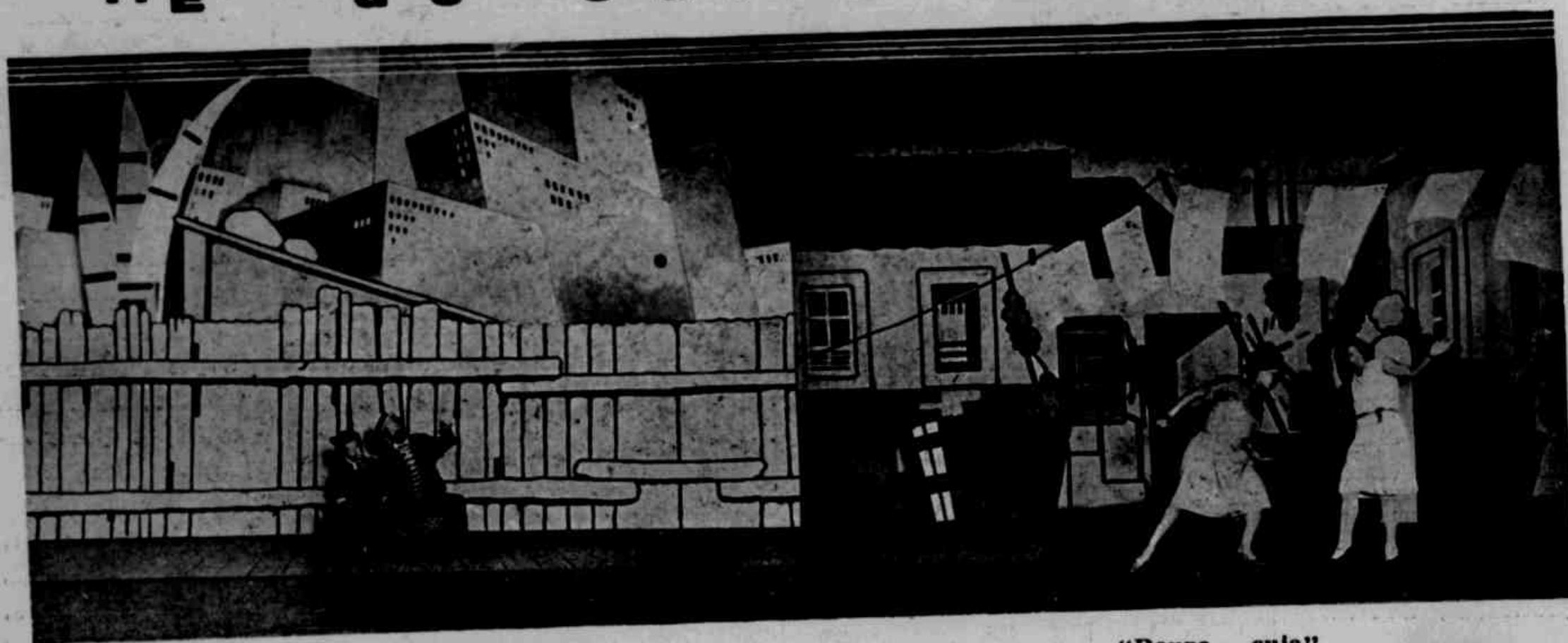
Ha, na iniciativa a que estou me referindo, logar para todos, e posso affirmar que todos que a ella se quizerem associar, sentir-se-ão bem, em boa companhia, livres de qualquer constrangimento. O publico, o grande publico ahi está para applaudir. E' elle aliás, o visado. O theatro só para as elites é o bello sonho dos talentos privilegiados. Necessitamos, porém, por agora, e com urgencia, do theatro ao alcance de todos os entendimentos e de todas as sensibilidades.

AURORA DE ABOIM

da Companhia de Films Scenicos Roulien

Mario Nunes

Apotheose do 2º acto

"E' do outro mundo!"

"Almas gemeas" com Mesquitinha e Palitos.

Palitos

Aracy Côrtes

"Roupa suja" com Aracy Côrtes e Luiza Fonseca.

NUMEROS DA REVISTA DE J. CARLOS NO RECREIO

Olga Navarro

(Caricaturas de J. Carlos)

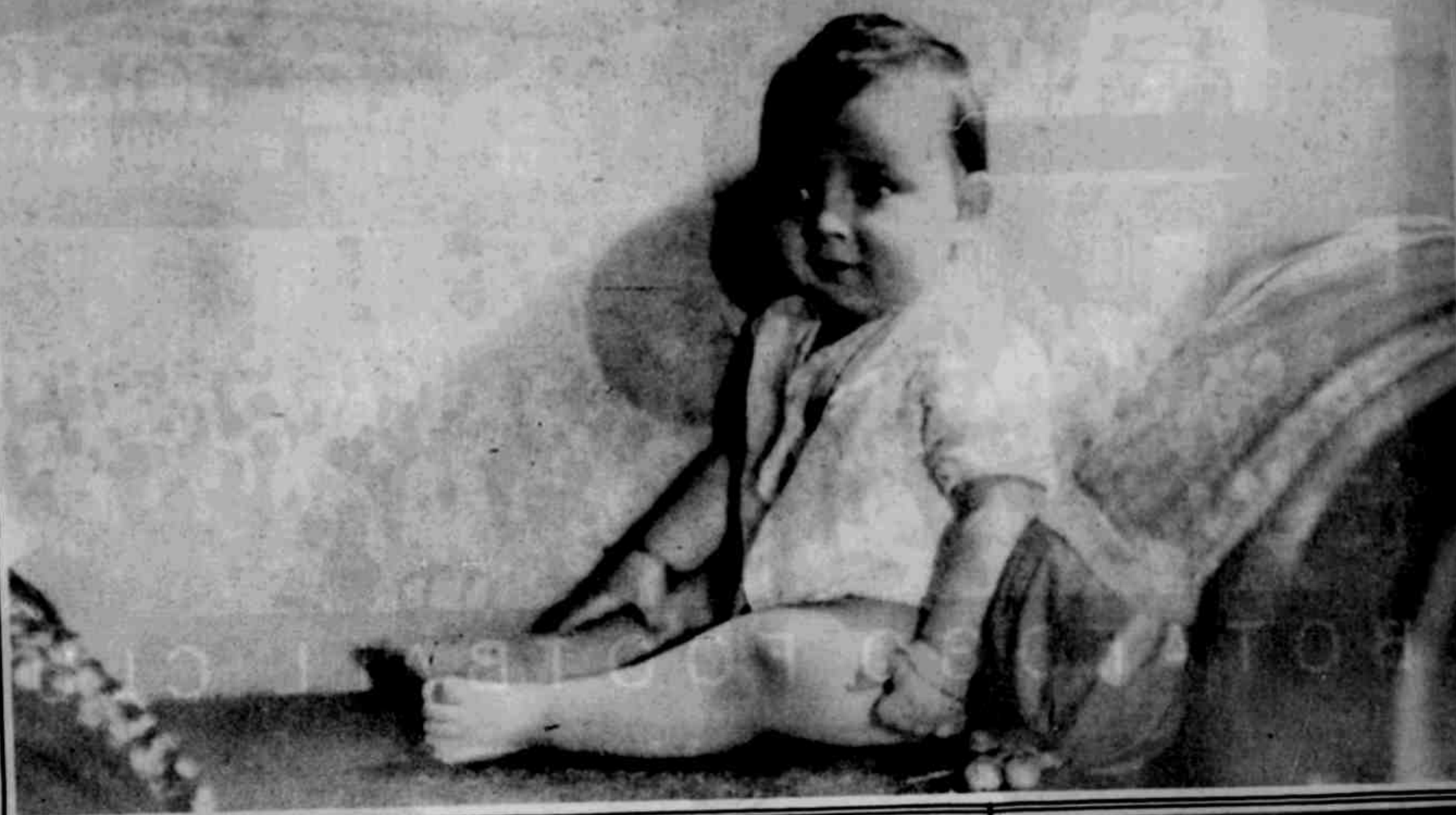
Miss Porto Alegre e Miss Alegrete na festa que lhes offereceu o Gremio Gaucho.

Tres photographias da Senhorita Yolanda Pereira

MISS
RIO GRANDE DO SUL

BOTAFOGO FOOTBALL CLUB

A sala durante a execução do programma do qual se encarregaram os artistas que estão na photographia do centro da pagina: Rogerio Guimarães, Jesy Barbosa, Laura Suarez, Geny Rebuá, Stephana de Macedo, Elisa Coelho, Josué Barros, Gastão Formenti. Em baixo: um instantaneo batido na hora das dansas animadas pela orchestra de J. Thomaz.

NOITE DE ARTE

GAETANO SEGRETO
filho do casal Paschoal Segreto Sobrinho

Gente Nova

MARIA CELIA
filha do casal Alvaro de Almeida
entre amiguinhas e amiguinhos, no dia
do seu 1º anno.

PALITINHO
FILHO
DO
CASAL
PAYTA-PALITOS
ARTISTAS
MUITO
QUERIDOS
DE
TODO
O
RIO DE JANEIRO

ARY
PALMEIRA
PREMIO DE
HONRA
DO COLLEGIO
SANTA THEREZINHA
DE COPACABANA.
E'
FILHO
DO CASAL FRANKLIN
PALMEIRA
TEM 9 ANNOS.

DE ELEGANCIA

COMO vae?

— Bôa tarde.

— Não gostou de me encontrar?

— Sonhei com você.

— Que tem isso?

— Aggrava.

— Conte lá.

— Nem por sombra...

— E' porque não tem importancia.

— Hum!

— Ora, deixe-se de fantasia. Um sonho... com você... Está com frio?

— Resfriado.

— Pois o tempo anda soberbo. Inverno adiado. Só não se adiaram as indumentarias quentes.

— Explique-se.

— As roupas de frio estão cada vez mais guarnecidas de pelle. Verdade que a tarde não está fria. Temperatura temperada. Repare naquella moça vestida de crêpe setim cereja... lá na beira da calçada... á sua esquerda...

— Bonita e elegante, nova e saborosa como pecego.

— Apparentemente, não é?

— Sim, sentido figurado. Você não perdôa nada, heim?

— Perdôo sim, absolvo tudo, maximé a você que sei absolutamente literario... Q u e carranca! Zangou? Aquella moça vestida de colorido quente...

— Côr fixa?

— Na certa. Aquella moça... Caluda, não me interrompa senão esqueço o que lhe ia dizer.

— Muito interessante?

— Servirá para que a palestra não desfalleça depressa. Aquella moça tem dois "renards" côr de sól de inverno á volta dos hombros. Ha bocado encontrámos uma que trazia á volta do pescoço tres "martres" em fórma de góla. Um "renard" ou uma só "martre" estão, por conseguinte, fóra da moda. Serviram no anno passado, quando eram de preço mais elevado. Agora que baratearam augmentam de numero para uma só pessoa contando que o preço do que se carrega não esteja reduzido... Inutilmente barateam objectos que servem de adorno ás mulheres. Entenderam estas que só se sentem bem quando são caras nas varias significações da palavra.

— E você acha bonito falar mal das suas parceiras?

Para provocar os seus sarcasmos é deveras interessante.

— Salvé! — disse-nos bem alto e de chapéo fóra da cabeça o illustre Berilo Neves.

— Por que não expõe o caso ao autor da "A Costella de Adão"?

— Elle vae com geito de quem tem hora marcada.

— O Povina Cavalcante tambem passa depressa...

— O Mario de Castro, Gilberto Trompowsky, Luis Carlos Junior, Arnaldo de Mo-
vamos apreciar as moças.
raes, Sebastião de Rego Barros... Mas

— Donde?

— Da Gonçalves Dias.

E passam: Olga Praguer, Lasinha Luiz Carlos, Carmen Miranda... Violonistas e cantoras das nossas preciosas modinhas. A senhora Mora y Araujo, Isabel de Maurtua, a embaixatriz da Italia, a embaixatriz do Mexico... Quase todo o corpo diplomatico feminino. As senhoritas Motta Maia, vestidas a capricho, Sylvia e Helena Ramos, Violeta e Dora Burlamaqui, Rachel Souza Leão e Dinorah Mello, Elisa Rôxo, Maria da Penha de Affonseca, Anna Amelia Carneiro de Mendonça que é incansavel em patrocinar e organizar festas de caridade lindissimas e lindissimas reuniões do "grand monde". Mario Peixôto tira o chapéo e estende a mão numa reverencia fidalga. Pergunto pelo "film" que fará parte das cousas sensacionaes da "official season". Que vae bem... que será extraordinario... Da calçada fronteira á Colombo grupos de politicos: opposicionistas e governistas. Separados, já se vê. Nem na rua se misturam.

— Se subissemos para um chá?

— No caso seriam dois. Mas adio o prazer...

— Devéras?

— Seria prazer?

— Você é má.

— Antes assim. Vou embora. Tenho mais que fazer.

— Promette outro caváco?

— Se me prometter não sonhar mais commigo.

—oOo—

Alguns dos figurinos de hoje: "manteaux" praticos: "cheviotte" cinza prata guarnecido de pospontos; a seguir um trabalho em pregas largas, góla e punhos de lontra; de "burrah" verde escuro e terceiro enfeitado de "ragodin"; casaco de lã com desenhos em diagonal; "tweed" havana claro e pospontos; "beije" para o casaco ligeiramente cintado, e havana, velludo, para a góla; "tweed" verde e côr de charuto, góla e punhos de "r a g o d i n"; "Carrelaine" azul marinho com pospontos para um amplo "manteau".

— Os ultimos modelos de sapatos para a noite, que, na totalidade obedecem á forma classica e são tambem do mesmo tecido do vestido.

—oOo—

Côr fixa: Só nos tecidos com a etiqueta "Indanthren".

—oOo—

Os demais figurinos: vestidos com "pois"; taffetás para um vestido e baile.

Tambem: pálas, punhos, gólas e mangas da ultima moda.

SORCIÈRE

A DUVIDA

JULIO Rey enterrou-se no "mapple", afim de continuar a leitura interrompida.

Em frente a elle, Helena tomava, a pequenos goles, o café que lhe acabavam de servir. Estavam no elegante fumoir onde, diariamente, depois das refeições, se recolhiam em doce intimidade. Havia oito annos já que estavam casados, e em todo esse tempo, nada turvára a sua felicidade.

Amavam-se serenamente, e uniaos sempre uma reciproca confiança.

Julio Rey conseguira uma bôa posição, auxiliado por sua intelligencia e pelo amor de sua mulher. Tudo o que tentára e pretendera realizar fôra préviamente submettido ao conceito de Helena. Esta guiava e encaminhava os projectos do marido para um fim pratico; animava-o a realizal-os, depurava-os e, quando elle triumphava, louvava a sua intelligencia, não reservando para ella parte alguma do exito.

Deste modo, Julio Rey creára uma posição, com a admiração de todos que o conheciam e que ignoravam a móla secreta das suas energias.

Primeiro, os seus passos vacillantes foram os passos do homem que não está muito seguro do seu valor; depois, mais firmes, com o pleno dominio de si mesmos, até serem os do homem que começa a ver sua vida aureolada pelo triumpho e a contemplar serenamente o futuro.

Agora que se julgava livre das angustias do porvir, abria um parenthese na luta e se abrigava ao lado do carinho de sua mulher, dessa esposa que tão bôa fôra para elle.

Era como que uma compensação devida aos tempos em que o seu instincto de mulher e dona de casa a obrigava a economizar até o inverosimil para sustentar uma apparencia superior á verdadeira, afim de ser mais facil o successo.

Helena sabia que a sociedade foge dos que lhe podem pedir alguma cousa e se sente entretanto, attrahida para aquelles que não prcisam de nada.

Quiz dar sempre a impressão de que viviam na abastança, de que tinham mais do que realmente possuiam, para attrahir essa sociedade que ella reputava tão util.

Depois, o triumpho fôra mais facil. Não era necessario que elle fosse procurar a luta nem os negocios. Os proprios amigos lh'os iriam levar e pedir-lhe sua cooperação.

Tinha agora fama de homem intelligente e sagaz. Muitos o procuravam como um mentor para os seus negocios, amparando-se e confiando-se naquella intelligencia que todos lhe reconheciam.

Depois, na intimidade do lar, Julio Rey consultava a esposa, procurando os seus conselhos que elle sabia serem sempre efficazes.

A posição falsa que noutros tempos tinham sustentado á custa de mil sacrificios, tornára-se solida e, agora, Julio não só sabia que á sua casa não faltava nada, como podia se dar ao luxo de ter seu automovel, que elle mesmo guiava, e frequentar festas e salões.

Era feliz, com uma felicidade feita lentamente, passo a passo, e que, por isso mesmo, elle julgava mais duradoura e forte.

Julio Rey atirou longe a revista que, em vão, procurava lêr.

Alguma cousa insolita lhe succedia. Por mais que quizesse dominar-se, esquecer-se "daquillo", cada vez mais se tornava escravo da sua lembrança.

Levantou-se, furioso com a obsessão, e percorreu a sala toda, a grandes passadas, varias vezes.

Não encontrava uma solução que lhe restituisse a tranquillidade perdida.

Julio Rey desconfiava da fidelidade da esposa.

Não tinha prova alguma definitiva e, entretanto, essa idéa se alojara no seu espirito, fazendo-o viver horas impossiveis.

Lembrou-se da tarde em que, ao chegar em casa, não a encontrou — facto unico em sua vida de casados — e em que receou que alguma cousa lhe houvesse acontecido.

Esperou, contando o tempo que passava, lento de exasperar. Os olhos de Julio estavam fitos no relogio, naquelles ponteiros que pareciam estar sempre no mesmo logar. As horas iam passando e ella não chegava.

Julio Rey ficou perplexo ante a idéa de que sua mulher não voltasse. Toda a sua commodidade de burguez ficaria desfeita com a falta de Helena. Era um caso no qual nunca pensára. Sentiu que dentro delle nascia o egoismo das cousas que julgamos conquistadas. A' força de vêl-a diariamente, de consultal-a em tudo o que se referia a elle, de sentil-a sempre attenta e vigilante nos seus negocios, chegára a integral-a dentro da sua personalidade, da sua propria vida, e a julgar que os dois eram um só, sem poder subsistir um sem o outro.

Agora, a realidade chegára, cautelosamente, até elle para surgir de repente com toda a crueldade das cousas positivas.

Ante essa demora, sua primeira impressão foi de medo, um temor vago que não sabia concretizar. Depois, á medida que o tempo passava e ella não chegava, foi brotando nelle aquella idéa que nunca lhe occorrera. Depois, o egoismo tornou a imperar. Pensou no que seria a sua vida desfeita, a sua felicidade perdida, sem aquelle luxo confortavel que o rodeava e que só Helena lhe sabia proporcionar.

Contemplava tudo ao seu redor, com esse olhar dos que se vão embora e não tornam a vêr o que durante annos os cercou.

Acostumára-se á tranquillidade de sua vida, methodizára todos os seus costumes, todos os seus habitos, e agora, lhe parecia absurdo que de repente pudesse ficar tudo destruido, devido á ausencia de sua mulher.

Passaram-se as horas e, afinal, a campainha da porta veiu despertal-o dos seus máos presentimentos.

Depois, quando a ouviu caminhar pelo corredor, com seus passos meúdos e rapidos, sentiu tanta alegria que não lhe foi possivel recriminal-a.

Pareceu-lhe que tudo estava fóra do logar antes della entrar e que, com a só entrada della, tudo se harmonizára e voltára ao seu sitio.

Helena apresentou-lhe umas desculpas precipitadas, mas que Julio não comprehendeu, devido á alegria que o possuia.

Logo, em seguida, jantaram, ella, um pouco triste, elle, falando a borbotões de todo aquelle dia e do que fizera.

Exteriorizava o seu jubilo, falando com atropelo, desejando que o seu espirito expulsasse a idéa de que ella lhe pudesse faltar.

Foram ao theatro e, depois, á sahida, cearam num restaurante onde costumavam ir.

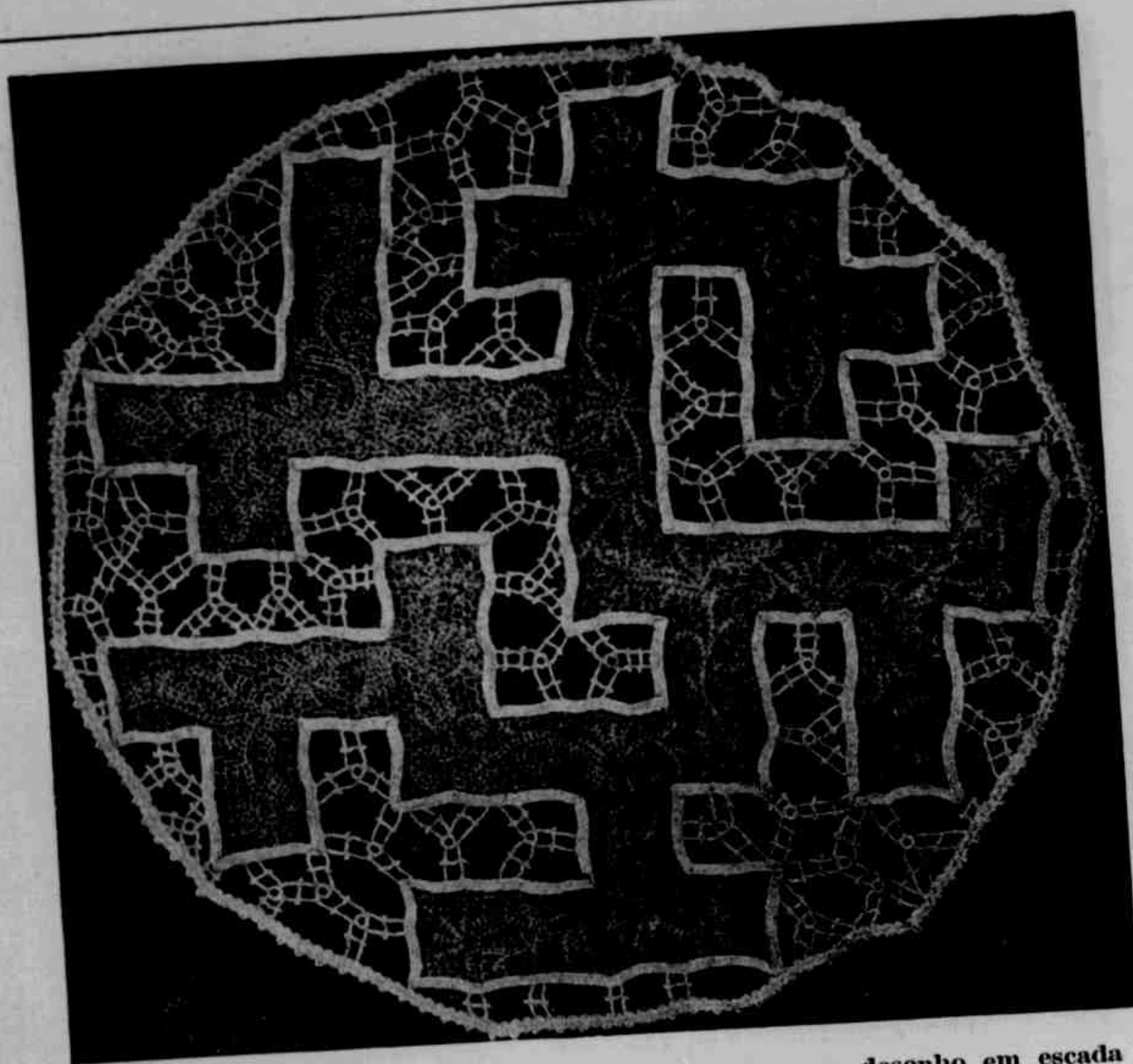
Para Julio, a idéa de se vêr só, na edade demasiado tardia de reconstituir a sua vida espiritualmente, essa idéa fazia com que elle se approximasse mais de Helena, para que, ante os seus olhos se projectas-

(Termina no fim do numero)

ILLUSTRAÇÃO: PAULO WERNECK

Para todos... na Bahia

Aspecto da missa festiva que os funccionarios da Policia Maritima mandaram celebrar, na matriz da Conceição da Praia, em acção de graças pelo anniversario natalicio do Dr. Almerindo Santos Silva, sub-inspector desse serviço. Presentes representantes do mundo official, imprensa, etc.

Senhorita Olga Costa Ferreira, que no concurso a que esteve presente o representante de "O Malho", Noemio Augusto dos Santos, no Carnaval deste anno, em S. Felix, Bahia, tirou o 1º premio de fantasia e graça.

Renda, "lacet" largo e "lacet" mais estreito, num desenho em escada compõem este lindo panno redondo.

Qual será meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

O GRANDE SUCCESSO ALCANÇADO

Causou verdadeiro successo a secção que iniciámos no numero passado, subordinada ao titulo que epigrapha estas linhas. Parece que algumas das nossas consulentes já tinham o baralho preparado á espera sómente de quem se promptificasse a lêr o sentido mysterioso das cartas. Assim é que recebemos diversas cartas, não sómente de leitoras gentis, como tambem de curiosos leitores, acompanhadas do mappa ou "facsimile" com a disposição em que ficaram as cartas "deitadas" por elles proprios seguindo as instrucções que publicamos. Vamos, portanto, dar inicio as respostas desvendando o mysterio que envolve a significação de cada carta dos quatro naipes do baralho:

N. 1 — MARIA C. L. (Tijuca) — Ha um homem idoso que deve ser ouvido, do que resultará uma boa noticia vindo pelo correio. Uma boa mulher, talvez uma empregada, vos prestará optimos serviços e cuja companhia será agradavel. Ha uns arrufos, pequenas desavenças por causa de uma rival pouco poderosa. Virá depois uma felicidade duradoura, vendo-se nossas esperanças realizadas. Fareis uma viagem de bons resultados para nossa saude, acontecendo ahi uma agradavel novidade inesperada.

N. 2 — SENHORITA XX (Dona Clara — E. F. C. B.) — Dois pretendentes á vossa mão, sendo que um que deseja fazer vossa felicidade ha de o conseguir. Haverá ciumes, rivalidades, intrigas amorosas que serão desfeitas por um vizinho benevelo. Apesar disso, apparecerão ainda desgostos de toda especie antes da felicidade absoluta, si é que ella existe.. Por uma leviandade, este homem que vos tem sympathia, durante um banquete se mostrará zangado. Ha no final dinheiros grandes e melhoria de posição.

N. 3 — CURIOSO (Rua da Passagem...) — Esta mulher fóra de casa está em risco de seducção. Uma amiga, certamente falsa, vos procura fazer mal, não o conseguindo porque vae regressar ao seu paiz. Ha inquietações, más noticias, discordias passageiras com uma mulher, alguma perda de dinheiro, e por fim uma trahição. Apparece depois um homem de lei com negocios importantes que vos dará dinheiro a ganhar, e obtereis então muitas prosperidades, empannadas pelo desgosto da perda de um parente e amigo.

N. 4 — ARUAL AIRAM (?) — Esta pessoa que vos ama é victima de grande maledicencia e de intrigas amorosas feitas por uma mulher que deseja vosso mal. Haverá um grande desgosto por isso, mas de pouca duração porque um vizinho benevolo desmanchará a trahição. Tereis uma entrevista de pouco resultado, pois um miltiar que vae partir, commette uma indiscreção sem ser por mal. Uma doença de pouca gravidade, aliás, vos porá de máo humor. Por fim serão vossas esperanças realizadas com o auxilio desta mulher de bom coração que muito vos auxiliará.

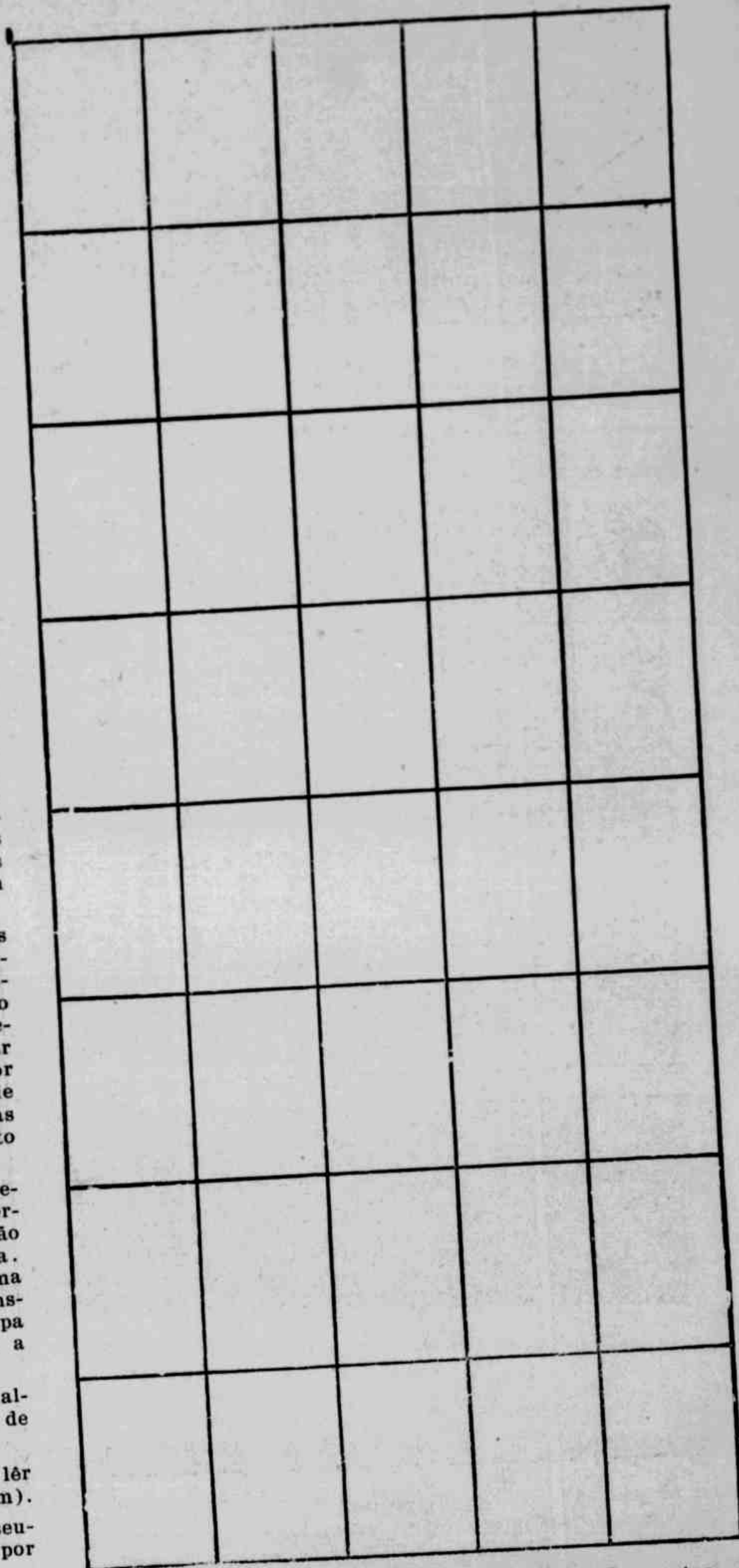
N. 5 — A. P. S. (S. Christovam) — Devia ter recortado o mappa que publicamos e ter escripto nas diversas casas o valor das cartas de accôrdo com a disposição em que ficaram no momento em que as deitou na mesa. Assim como mandou, é impossivel lêr, pois ficou uma grande confusão escripta, perturbando tudo. Leia as instrucções que publicamos e não deixe de recortar o mappa e envial-o cheio, pois é condição indispensavel para a resposta.

N. 6 — NICINHA E ELZA (?) — Pois não. Qualquer baralho serve, desde que seja novo e preparado de accôrdo com as instrucções que damos.

N. 7 ONIREVES OIP (?) — Tenha a bondade de lêr o que digo antes ao consulente A. P. S. (S. Christovam).

N. 8 — MME. ALIETTE ROSE (?) — Basta o pseudonymo. Em graphologia é que é necessario o nome por extenso para o estudo.

Continuamos aguardando suas ordens, promptos a attendel-as.

KOM-EL-AHMAR

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..."

INSTRUCÇÕES PARA "DEITAR AS CARTAS"

Toma-se um baralho novo, que ainda não tenha servido para nenhum jogo. Embrulha-se bem em sete folhas de papel branco, cada folha de per si. Passa-se depois pela agua do mar ao meio dia de uma sexta-feira, proferindo-se no momento estas palavras:

— "Que os espiritos celestes vos ponham virtude".

Nos logares onde fôr difficil obter agua do mar, deitam-se em uma bacia, ou outro recipiente qualquer, sete garrafas de agua commum, e dentro da mesma se atiram sete punhados de sal com a mão esquerda. Tendo sido o sal extrahido da agua do mar por evaporação, volta novamente a ella, integrando-se no liquido.

Depois de mergulhado na agua alguns instantes, desembrulha-se o baralho dos seus sete envolucros, baralha-se tres vezes e parte-se em cruzêta, o que se faz dividindo-o em quatro montes ou partes, mais ou menos iguaes, que se collocam sobre uma mesa coberta com toalha branca.

Juntam-se novamente, os quatro montes, a começar do ultimo até o primeiro, e, depois de alguns minutos de concentração de espirito, em que não se pense em outra cousa senão naquillo que se pretende saber, vá-se deitando as cartas da esquerda para a direita em oito filas de cinco cartas, como mostra o quadro junto, de sorte que a sexta fique abaixo da primeira e assim por deante, até a quadragesima no angulo inferior direito.

Feito isto, escrevam nos quadros correspondentes a cada carta o seu valor ou figura que representam, como no exemplo annexo:

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

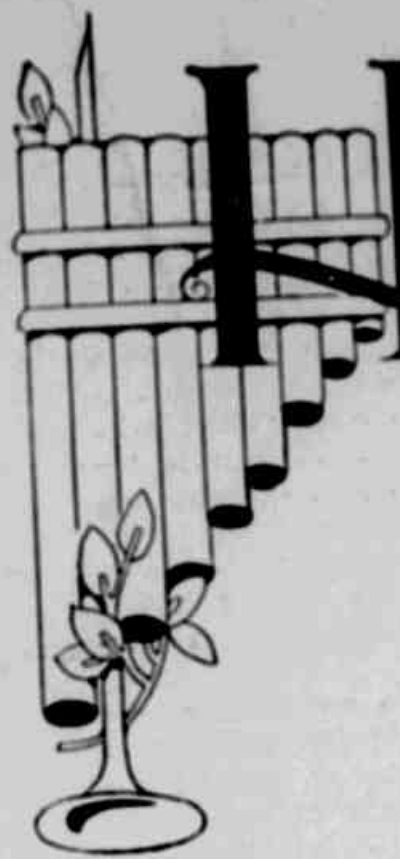
Modelo como terá de ser preenchido o mappa

Recortem o mappa depois de preenchido, assignem-o com o pseudonymo que escolherem e enviem-o para: Redacção do "Para todos..." (Serviço de cartomancia) Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

A resposta não se fará esperar e deve ser procurada nesta mesma secção em que será publicada com o pseudonymo correspondente á consulta feita.

Senhora Annita Koerner e senhorita Magdalena Schmidt

Numa rêde de "crochet" que as mais caprichosas farão e as que contam com pouco tempo comprarão feita, applicações de "crochet", linha grossa, flores e galhos fantasia. Para uma linda almofada, ou mesmo panno de mesa. Trabalho facil de execução e cópia tambem facil só á vista do modelo.

A cantora Lise Duque, a primeira que interpretou musica typica do Brasil antes da grande vóga que têm hoje as nossas canções regionaes.

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

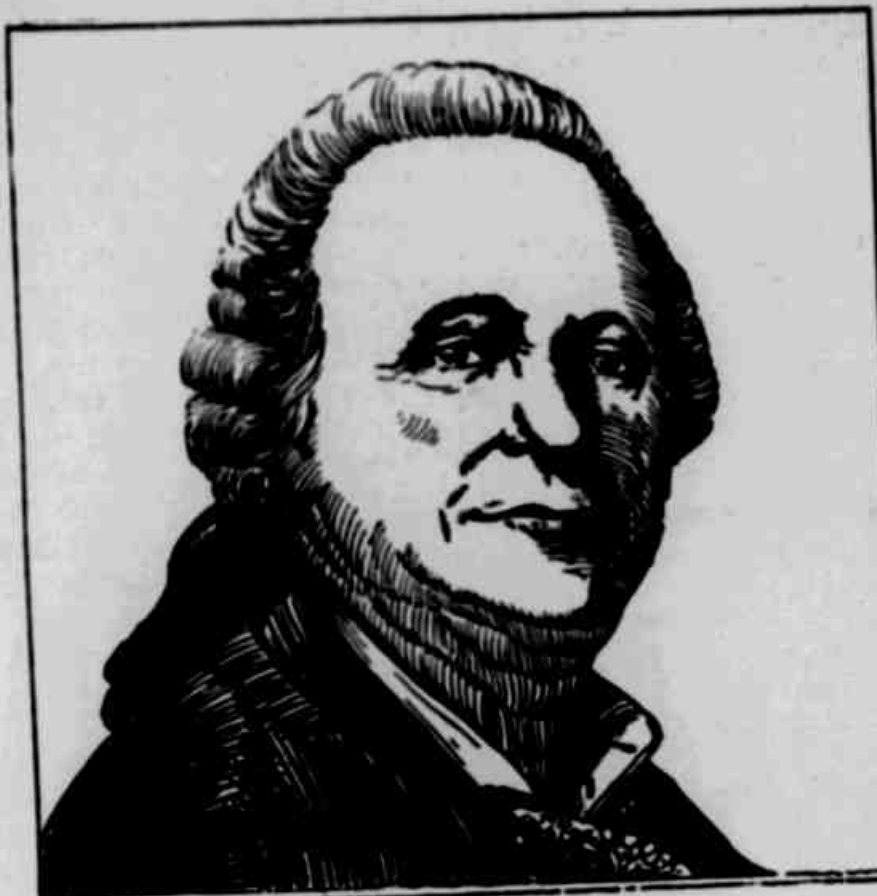
Gluck

o

pae

da

musica

dramatica

Christoph Willibald Gluck tem sido chamado o pae da musica dramatica. Tornou a opera tão espectaculosa e theatral, quanto melodiosa. Com o apparecimento deste grande compositor, o texto e a musica, pela primeira vez, se combinaram admiravelmente sob o ponto de vista operatico.

Gluck, nasceu em 1714 perto de Nuremberg, na Allemanha, mas foi educado na Bohemia, onde seu pae era creado de caça do Principe Lobkowitz. O Principe transformou-se no primeiro protector do compositor e o apresentou, bem como os seus trabalhos, aos circulos musicaes viennenses.

GLUCK AND PRINCE MELZI IN THE GARDEN OF THE PALACE.

Muito cedo, Gluck partiu para a Italia afim de servir como musico no palacio Principe Malzi. A sua primeira opera, "Artaxerxes", foi representada com exito em Milão em 1741. Com excepção de seis arias, esta opera pereceu, mas o tornou famoso atravez de toda a Europa.

Voltando a Vienna, Gluck enamorou-se de uma bella filha de um rico negociante, que não consentia que ella casasse com um musico Os compositores nesse tempo eram tratados como se fossem creados. Após a morte do seu pae, a moça casou com Gluck.

Continúa no proximo numero

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A litteratura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sób a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A litteratura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

20ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o asumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado....... 500$000	1º collocado....... 500$000	1º collocado....... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

A DUVIDA

(FIM)

se em todo o valor que a sua existencia tinha.

Começava a viver a nova existencia do que nunca pensou que existisse um sêr imprescindivel em sua vida, e de repente o encontra. Nunca por seu espirito passára a idéa de que Helena, na idade perigosa, pudesse encontrar um homem em seu caminho, pelo qual se apaixonasse e que a fizesse mudar de rumo.

Não sabia como fôra aquillo. Ao principio, expulsára a suspeita, com um sorriso ironico. Depois, fôra franzindo o sobrecenho, e o sorriso se lhe gelára nos labios.

— Por que não ? — dissera-lhe a consciencia, nas profundezas do seu sêr. Acaso seria o primeiro caso que se visse ? Helena não estava na idade em que a mulher é mais cobiçada ? Além disso, ella conservava toda a sua frescura, e tinha a belleza outomnal dos fructos em sazão.

Ante a suspeita perfida e tenaz que abrigava, a realidade brutal desmanchava toda a sua felicidade.

Seu egoismo surgia imperioso, revoltando-se com a idéa da separação que se imporia, no momento em que tivesse a convicção de que a mulher o enganava.

Anno após anno tinha ido methodizando o seu espirito, levantando-se e deitando-se á mesma hora, chegando a casa pontualmente, encontrando tudo no seu logar, cercado dos mil pequenos detalhes que as mãos intelligentes de Helena compunham. Chegára a ter a exactidão de um chronometro, a segurança de uma formula chimica.

Habituára-se a ver diariamente as mesmas caras, a cumprimentar invariavelmente as mesmas pessoas, trocando sempre com ellas as mesmas phrases, frequentando quotidianamente os mesmos logares. Todos os seus habitos de burguez protestavam ante a idéa de ter que modificar de repente a sua vida, de se achar só, talvez numa pensão de paredes hostis, entre gente que nunca vira, privado do affecto e das commodidades a que estava habituado.

Caminhára todo o dia, sem rumo, procurando esquecer a scena dessa manhã, a discussão que tivera com a esposa, na qual se exaltára até chegar a dizer-lhe com palavras bruscas toda a sua desconfiança feroz.

Depois, lembrava-se da pallidez hieratica que cobrira o rosto de Helena. E aquellas suas palavras que lhe feriram a alma, qual quemadura:

— Desconfias de mim e continúas a te abrigar debaixo do mesmo tecto que me cobre ? Vae-te. E' o teu dever.

Julio reuniu toda a sua energia e abandonou sua casa. Fizera-o, com uma ausencia completa de si mesmo, comprehendendo que si ficasse um instante mais, não teria coragem para o fazer.

Errára pelas ruas toda a manhã, por logares que não sabia, presa de suas idéas, que o faziam caminhar como um automato, sem saber que resolução tomar.

Sentia agora que amava sua mulher mais do que julgava, que a necessitava ao seu lado, que precisava ouvir sua voz, ouvir seus passos, pela casa, atarefada com os affazeres diarios, que nunca quiz entregar a ninguem.

Acostumára-se a que uma segunda pessoa pensasse por elle e perdera o costume de coordenar as suas idéas. Agora, perplexo, queria pensar, encontrar a luz distante que o fizesse sahir do tunnel da duvida em que se achava. Mas a duvida o envolvia cada vez mais, como um manto de tréva.

Precisava de alguem que o ajudasse a pensar, que lhe désse uma solução para o seu caso.

Sahiu do café onde estava. Sentia-se intranquillo, nervoso, não se achava bem em parte alguma.

Instinctivamente, dirigiu seus passos até a casa do seu advogado. Era um amigo no qual depositava grande confiança.

"POIS"

Muito na moda. Ainda. Veiu com os primeiros estampados. Desde então toda mulher elegante possue um vestido de "pois". Preto, meúdinho, no vermelho, no branco, no marinho, no "beige". Vermelho, grande ou pequeno, no "beige", no branco, no azul pervinca. Branco, no preto, no marinho... Os vestidos de "pois" estão, em 1930, renovados pelas gólas e punhos de fustão. Como se guarnecem feltros. Dos mais modernos. "Pois" de seda enfeitado de fustão, do que servia e ainda serve para uniformes de collegiaes. Sempre a nota juvenilissima juvenilizando os vestidos das mulheres.

Poderia consultar com elle ácerca do seu caso, e assim ver-se descarregado daquelle grande peso de sua vida.

Quiz que as suas palavras, pouco a pouco, fossem reflectindo a dôr de sua alma, mas não poude.

Era como um polichinello que se tivesse mantido rigido e de repente cahisse, com a inutilidade do seu corpo de trapos.

O amigo ouviu-o serenamente. Em sua longa carreira, ouvira essas mesmas palavras muitas vezes.

Duvidou, hesitou antes de falar. Mas, deante do soffrimento tão sincero do amigo, decidiu-se emfim.

Helena não o enganava, como elle o suppunha. Enganava-o, sim, mas nesse engano não havia a menor offensa á sua dignidade de marido.

Procurava sómente occultar o delicto de um irmão, preso por dividas de jogo, que ella visitava frequentemente.

Julio sentiu que lhe arrancavam alguma cousa do peito. No jardim de sua alma, a flor venenosa da duvida morrera deante daquellas palavras reconfortantes, e, em seu logar nascia novamente e exuberante uma bella grinalda de esperança e de fé.

(Traducção de ANELÊH)

Ruth Roland, a querida artista do "écran", a formosa esposa de Ben Bard, é uma das mais enthusiasticas admiradoras que "Cinearte" possue em Hollywood. De lá, Ruth Roland enviou á "Cinearte", a mais elegante e querida revista cinematographica do Brasil, essa bella photographia, com uma saudação aos seus leitores.

"Para todos..." entrevista Miss França

(Conclusão do numero passado)

semelhante ao homem, quando em todos os outros dominios ella é differente? Aliás, uma intelligencia "viril" não se harmonizaria bem, creio eu, com a sensibilidade e a intuição femininas.

— Eh ! Eh !

— Por que "eh ! eh !"? Olhe em redor de si. Ha uma especie de feminismo que leva direitinho á masculinização da mulher. Não podendo transformar-se em marmanjos, certas mulheres quizeram pelo menos tornar-se "homens"... como direi... ai... ai... já não sei mais explicar o meu pensamento... "homens"...

— ...extra-numerarios...

— Isso mesmo ! Coitadas ! O verdadeiro feminismo deve consistir, quer-me parecer, em ser feminista de feminidade feminizante. Entendeu ?

— Admiravelmente. Mas, diga-me agora, o que vem a ser o amor em tudo isso ?

Miss França teve um sorriso em que passou toda a malicia de mulher:

— Ahi estamos ! O amor ? Que tem elle que ver ahi? O amor é como essas antigas hospedarias hespanholas, onde só se encontra aquillo que se leva. Acredito que, apesar do progresso do feminismo, o papel principal da mulher, sua força e sua felicidade, ainda consistem e hão de consistir por muito tempo em agradar. Como vê, sou, no fundo, muito razoavel e não sou aggressiva além do necessario...

— Optimo ! E se devesse escolher um marido, preferiria um homem de 1830 — quero dizer, sentimental, sonhador, enthusiasta, ou então um homem de nossa época, preciso, frio, energico ?

— Evidentemente, é preciso hoje em dia ter um marido moderno. No emtanto, não é máo que em certos momentos elle seja 1830. Em summa, o marido deve ter um coração com "mudança de velocidades". Com effeito, uma mulher, por mais moderna que seja, guarda sempre um fundo sentimental: no momento em que esse fundo reapparece, é bom que o marido vibre em synchronismo. Mas em outros momentos, elle deve ser, não só 1930, mas até 1940 ou 1950. Questão de flexibilidade...

— Outra cousa, agora. Está satisfeita com o resultado dos concursos de belleza de 1930 ?

— Nada tenho a lhe dizer a esse respeito. Não se póde ser juiz e parte ao mesmo tempo... Mas creio que os concursos de belleza são uma optima cousa. Ha nelles uma utilissima exaltação do senso esthetico, embora eu reconheça que a harmonia physica seja bem precaria, quando não é acompanhada pela harmonia moral. E' absolutamente necessario que uma mulher una uma certa graça mental á sua graça physica, do contrario, logo que ella fale ou aja, a dessemelhança entre o agrado visual que ella produzir e o desagrado moral que ella infligir será cruel, e far-lhe-á perder todos os direitos á admiração que poderia inspirar. As mulheres bonitas têm um dever: não estragar a sua belleza. Vae ficar admirado: Comprehendo muito bem que certos maridos batam nas mulheres...

— Admiravel ! Que pensa da sua proxima viagem ao Brasil ?

— Imagine que minha mãe, que deve acompanhar-me, já está louca por elle. Ella nunca foi mais longe do que de Paris a Marselha. Quanto a mim ! Viajar, encher-se a alma e os olhos, ver homens e horizontes desconhecidos, descobrir espectaculos novos, sempre foi o sonho da minha infancia e talvez a sua chimera. Creio que, em cada um de nós, cochila um velho instincto emigrante... Para o viajante, chegando pela primeira vez pelo mar, a bahia do Rio de Janeiro offerece, segundo me disseram, um espectaculo deslumbrante. Falaram-me muito na cadeia de montanhas que se chama "o gigante que dorme". Ha tambem o famoso "Dedo de Deus", emfim, um panorama grandioso, inesquecivel, que o sol realça maravilhosamente... A proposito do sol, será verdade que faz tanto calor que supprimiram os colchões das camas ? E eu que gosto tanto de camas macias, que vae ser de mim ?

— Não se assuste quanto a isto, pois encontrará o mesmo conforto do que aqui.

— Estou tambem muito curiosa de provar os seus pratos nacionaes: vatapá, carurú, etc. Convirá isto aos estomagos europeus ? Quanto ás fructas, adoro as laranjas da Bahia e os ananazes de sua terra que se chamam... como é?

— Abacaxi.
— Isto ! Abacaxi, abacaxi, abacaxi, preciso guardar o nome.

M'ss França ri-se, gostosamente. A fantasia do nosso dialogo divertiu-a. Nesse momento, surge a mãe, uma boa matrona, um tanto austera, cuja eloquencia parece inextinguivel.

Constrangida pela exuberancia do orgulho materno, Miss França interrompe então a nossa palestra com uma pilheria. Já era tempo de eu me ir embora.

— Até breve.
— Até breve, minhas senhoras, e boa viagem !

Paris, Maio de 1930. MARINUS

GASTÃO LAMONNIER, que tem escripto tanta musica bonita, fez agora uma valsa para "Miss Rio de Janeiro", a senhorita Marina Torre. O titulo ficou assim: "Venus Carioca". Na capa, offerecido pelo "Para todos...", vê-se um "cliché" da homenageada, em "maillot", lembrando que, antes, ella era "Miss Copacabana". Os versos de "Venus Carioca" são de Oswaldo Santiago. Dão certinhos com a musica. E a musica de Gastão Lamonnier é mesmo bonita, tão bonita como as outras que elle já tem escripto.

CABELLEIRAS ONDULADAS

Poucas pessoas sabem que o stallax póde ser usado como shampoo, e que é muito melhor para este fim que qualquer outra substancia. Tem elle uma natural affinidade com o cabello, tornando-o lustroso, avelludado e pronunciadamente ondulado. Uma colherinha das de café, cheia de stallax granulado, dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que sufficiente para o effeito desejado. O stallax legitimo é vendido nas pharmacias, só em pacotes sellados, contendo uma quantidade sufficiente para fazer-se de vinte e cinco a trinta shampoos. O brilho que empresta ao cabello é inteiramente inimitavel e indescriptivel.

A Testemunha

(FIM)

me com enfado, respondendo de modo brusco:

— "E' o que você deve fazer, pois com sua indolencia e esse aborrecimento incomprehensivel pela sociedade, não vejo outra solução mais apropriada".

Emquanto eu a contemplava attonito de dôr, ella concluiu rapidamente:

— "Ordene-se quanto antes. Estou habituada á minha liberdade. Gosto do mundo, e a sua companhia não me fará falta porque esses enthusiasmos retrogrados estão em completo desaccordo com os meus. Além disso, a sua presença nesta casa dá muito mal-estar e constrangimento. Esfria o ambiente".

— Nunca me arrependi de ser padre, minha irmã. Na religião, encontrei sempre o auxilio de que minha alma angustiada necessitava, e aquelles que têm vindo procurar algum consolo ao meu lado, sahiram sempre repletos de fé e de coragem. Creio ter cumprido a minha missão com dignidade, permanecendo obscuro como era o meu intento.

Rosa murmurou com ar vago:

— Quando Deus influe directamente no nosso destino, é insensato negarmos-lhe a existencia ou revoltarmo-nos contra os seus decretos.

O padre perguntou, sem a olhar:

— E vós, minha irmã, que vos decidiu a tomar esse habito que suffoca todas as aspirações e todas as vaidades da mulher? Falae tambem... Já me confessei a vós, chegou a vez de vos confessardes a mim...

Rosa limpou uma lagrima com dois dedos apressados e, abafando a voz como se temesse que outros além delle a ouvissem:

— Foi um amor infeliz que me fez entrever num momento as ingratidões de que o coração dos homens era capaz... Senti que não teria força para supportal-as, nem animo para recomeçar a amar... Deus affirmou-me que só n'Elle eu encontraria o que ambicionava... E deixei o mundo sem pesar... Não me arrependo tambem; sou perfeitamente feliz...

A tarde cahira com serenidade, envolvendo a natureza numa immensa paz. Pelas persianas abertas entrava o perfume de baunilha e um passaro gorgeava numa laranjeira em flor. Um outro respondia-lhe num trinar melodioso. E, no azul purissimo do céo, a lua, hostia bemdita e luminosa, elevou-se majestosamente, derramando o seu clarão empallidecido sobre o cadaver do velho, unica testemunha daquella scena, e cuja physionomia austera parecia approvar a sinceridade daquellas confidencias.

+ + +

No Instituto de Musica

Não é muito commum vel-a no Instituto. E' preciso que se trate de um grande concerto para que ella se digne dar ao Instituto a honra de sua presença.

Vem poucas vezes; mas quando vem, vem assim: "chauffeuse" de seu proprio carro, deslisa serenamente por Copacabana, Beira-Mar rumo do centro.

E' uma "chauffeuse" chic, habilissima e encantadora. Quando ella passa, tiram-lhe o boné, sorrindo, todos os inspectores de vehiculos. E' o que se chama "papel invertido", pois o que se vê geralmente é o contrario...

Dizem que nunca foi multada. Por que nunca foi apanhada em nenhuma infracção? Nada disso. Ella póde infringir todos os regulamentos de vehiculos que se inventarem, porque nunca será autoada. Ninguem tem coragem para isso. Um de seus sorrisos para o mais carrancudo dos guardas, desmancha-lhe a carranca. Aquillo é o que se póde chamar um sorriso-mascotte, sorriso vara-de-condão, que lhe garante todas as condescendencias, todas as desculpas, todos os perdões de toda a Inspectoria de Vehiculos.

E ella bem sabe do valor do palminho de cara que possue e ainda mais do sorriso tentador que Deus lhe deu. Mas felizmente não abusa... Não abusa, mas tira disso todo o partido possivel.

Como pianista que é, das mais talentosas, pouco apparece. Por que será? O seu professor, Lachmund, muito deseja vel-a sempre em evidencia, mas não o consegue. Ella é das que trocam muito gostosamente as surpresas de ser artista, pela commodidade de ser auditorio... Entretanto, que pena! Ella é uma verdadeira pianista, que a gente ouve com indizivel alegria. A sua execução é como os seus vinte e poucos annos: fresca, sadia, rosada, fina, cheia de saude.

Por que será que ella é tão arisca?

O. V. B.

Se o leitor quizer, em vez de O. V. B., leia apenas O. V. Porque o sobrenome desta gentil collega é composto, e assim como ha quem o escreva numa só palavra, ha quem o escreva separadamente.

Talvez com essa informação já o leitor tenha descoberto o nome da "incognita". Se não o descobriu, accrescente que ella é um dos segundos premios de canto do ultimo concurso a premio do Instituto. Aliás, segundo premio injustissimo! A O. nunca deveria ter tido semelhante classificação... se tivesse aprendido em outra escola. Mas como não teve dedo para

escolher professor, coitad'nha! pagou com a medalha de prata a sua falta de tacto...

Isso costuma acontecer no Instituto frequentemente. Parece até que é um dos maiores males dessa casa: ter vozes e não ter bons mestres na mesma preparação. De modo que as vozes apparecem e desapparecem — o que infelizmente não se dá com alguns dos professores da casa...

A O. V. B. resolveu, ha pouco, fazer uma homenagem não se sabe a quem. E' que ella é um pouco politica e acompanha com interesse toda a campanha dos ultimos tempos.

Natura mente, como todo o mundo, ella lamenta os excessos; mas não se sabe a que partido ella pertence: Se ao Governo, se á opposição. Seja como fôr, a sua homenagem teve como pretexto a pequenina Parahyba. A O. V. B., em um concerto que se realizou ha dias, cantou a Parahyba, o "c'el di Parahyba"... e cantou como poderia cantar uma legitima medalha de Ouro do Instituto.

Foi um triumpho sem precedentes... na carreira da minha gentil collega, que, aliás, ainda não tem carreira... E se Carlos Gomes não poude applaudil-a, porque já morreu, tambem não se mostrou descontente, pelo mesmo motivo...

A morte, como se sabe, impede de se fazer muita coisa...

Mas voltando á O., devo accrescentar que foi essa uma das mais interessantes collegas que frequentaram o Instituto até ao anno passado.

A natureza foi gentilissima para com ella. Deu-lhe altura regular para o seu typo formoso de "fausse maigre".

Se o leitor a conhece, sabe perfeitamente que, sem ser nenhuma belleza, ella é, todavia, muito mais bella do que uma porção de "misses" que disputam o tal concurso... E' muito meiga e muito amavel. A palestra, agradavel. O sorriso, lindo e o riso encantador.

Quando fala, fico presa á melodia de sua voz, que é seductora.

Emfim, para usar da expressão da moda, a O. é, verdadeiramente "da pontinha"...

O. da S. G.

Eis aqui uma creatura que é o typo classico da "pequena" de 1930. Vejam bem que digo 1930, e não "futurista". Ella é dessas que entendem que a gente deve dansar conforme a musica, isto é, que a gente deve ser do seu tempo. Nada de passados nem de futuros. Esse negocio de romantismo, diz ella que é interessante... como pretexto para se commemorar o centenario... E quanto a futurismo, a mesma coisa. Isso é com as outras, as que hão de vir. E' por isso que detesta a musica futurista, de Villa-Lobos para deante e não supporta mais a romantica. Musica para ella, só de Cesar Frank para cá. O mais, ou é melado ou é maluquice.

Em materia de amor a sua theoria não tem motivos para se modificar, nem o successo amoroso do passado, nem o excesso de conveniencias com que se póde prever o amor no futuro. Assim como não admitte suicidios por amor, nem duellos, nem tragedias, não comprehende o divorcio como consagração legal da volubilidade humana. Em materia de casamento, portanto, ella está numa situação de verdadeiro "impasse".

Se lhe apparecesse um candidato? Como resolveria? Que faria? Só mesmo se lhe apparecesse esse candidato, porque ha muita coisa neste mundo que a gente só resolve na hora... Entretanto, foi muito interessante a resposta que, a proposito, ella deu a uma sua collega, resposta de mestra, conselho de amiga.

E' o caso que essa collega está noiva ha dois annos, mas o noivo não ata nem desata... Conversando as duas, a noiva confessou-lhe que a situação de noivado assim, sem prazo certo, era martyrisante, para quem, como ella, adorava o noivo. A O., entretanto, conhecendo bem o que são homens e mulheres do seu tempo, querendo um grande bem á amiga e desejando vel-a feliz, deu-lhe este conselho:

— Não acho, não. Acho que se gostas mesmo muito do teu noivo, não deves ter pressa de casar... E' o unico meio de conservares a tua felicidade indefinidamente...

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d'O MALHO